

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

**LILIAN FRANCINE BRAGAIA LACERDA**

**AS RELAÇÕES ENTRE TERRORISMO E RELIGIÃO:  
A AMEAÇA GLOBAL DO ESTADO ISLÂMICO**

BAURU  
2015

**LILIAN FRANCINE BRAGAIA LACERDA**

**AS RELAÇÕES ENTRE TERRORISMO E RELIGIÃO:  
A AMEAÇA GLOBAL DO ESTADO ISLÂMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Profa. Ma. Roberta Cava.

BAURU  
2015

L131r

Lacerda, Lilian Francine Bragaia

As relações entre terrorismo e religião: a ameaça global do Estado Islâmico / Lilian Francine Bragaia Lacerda. -- 2015.

62f.

Orientadora: Profa. Ma. Roberta Cava.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.

1. Terrorismo. 2. Religião. 3. Estado Islâmico. 4. Organização das Nações Unidas (ONU). 5. Oriente Médio.  
I. Cava, Roberta. II. Título.

**LILIAN FRANCINE BRAGAIA LACERDA**

**AS RELAÇÕES ENTRE TERRORISMO E RELIGIÃO: A AMEAÇA  
GLOBAL DO ESTADO ISLÂMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Profa. Ma. Roberta Cava

Banca examinadora:

---

Profa. Ma. Roberta Cava  
Universidade do Sagrado Coração

---

Profa. Ma. Beatriz Sabia Ferreira Alves  
Universidade do Sagrado Coração

---

Prof. Esp. Sebastião Clementino da Silva  
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 08 de dezembro de 2015.

Dedico este trabalho aos meus avós e à minha mãe que me deram apoio durante os anos da minha graduação e que sempre estarão dentro do meu coração.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, saúde, oportunidades, força e por nunca me abandonar e por estar comigo em todos os momentos, me fazendo superar as dificuldades.

Aos meus avós, Luiz e Letice, pelo amor, dedicação, incentivo, me apoiando em todas as minhas decisões e ensinando o que é certo e mostrando que é através do trabalho que conseguimos uma vida plena, digna e feliz.

A minha mãe Adriane, por sempre me apoiar em todos os momentos, por me amar incondicionalmente e me ensinar a seguir meus sonhos. Ao meu padrasto, Vicente, por sempre estar do meu lado, me aconselhando e educando, juntamente com minha mãe e meus avós.

Ao meu tio Guilherme, que sempre contribuiu com conselhos, debates e carinho que tem por mim, me ensinando a ter um olhar crítico diante das situações e contribuindo para meu enriquecimento como pessoa.

A minha tia Mariana e meu tio Ricardo, principalmente durante os anos da graduação, que me ensinaram a perseguir meus objetivos e conquistá-los.

A minha tia Fabiana, por ser uma ótima madrinha e sempre me aconselhando em todos os momentos.

Aos meus primos, Luiz Guilherme, Beatriz, Giovana e João Vitor e meus irmãos, Jéssica, Emili e Marcus, que me ensinaram que a distância machuca, mas o amor nunca acabará.

Ao meu pai Luiz e a minha madrasta Érica, por me amarem e me ensinarem que nunca devemos desistir diante das dificuldades.

As minhas amigas Elita, Letícia, Ana Laura e Paula, ensinando que amor vai além do sangue e que mesmo distantes, prevalece a amizade verdadeira, a sinceridade, o amor e o companheirismo.

Ao meu amigo e namorado Gabriel, por estar comigo nos momentos bons e ruins, me apoiando, me aguentando nos maus dias, pela cumplicidade, honestidade, sinceridade e felicidade.

Agradeço também a Raphaela Momesso, Matheus Contreira, Natalia Oliveira e Melina Latanzio por sempre estarem comigo, seja no dia a dia, nas aulas, nos eventos, sempre encorajando e apoiando uns aos outros, também agradeço ao

nosso querido amigo Kauê Vétère, que não está mais conosco mas sempre será lembrado em nosso coração.

Finalmente, agradeço a minha turma de Relações Internacionais, pela parceria nos momentos de crise, de angústia, de felicidade e por ser uma turma unida.

Ao nosso antigo coordenador Daniel Freire e Almeida e sua esposa Verônica Scriptore Freire e Almeida, por conseguir transmitir-nos toda sua sabedoria, para que tornemo-nos ótimos profissionais.

A nossa coordenadora, Beatriz Sabia Ferreira Alves, por ser uma coordenadora amiga e querida e passar todo o conhecimento para nós com total dedicação.

A minha orientadora, Roberta Cava, por me apoiar e me aguentar nos momentos de angústia durante o TCC, pelos conselhos e por ser uma pessoa querida por todos.

Aos demais professores e equipe do curso de Relações Internacionais, por nos passar tanto conhecimento durante o curso e aprendizagens que levarei comigo para sempre.

As demais pessoas, que de alguma forma, me fizeram amadurecer e contribuíram para minha formação profissional e história pessoal.

“Honrar um pensador não é elogiá-lo, nem mesmo interpretá-lo, mas discutir sua obra, mantendo-o, dessa forma, vivo, e demonstrando, em ato, que ele desafia o tempo e mantém sua relevância”.  
(CASTORIADIS,1986, p.1).



## RESUMO

O grupo terrorista Estado Islâmico ganhou notoriedade para os Estados no cenário internacional após conquistar cidades do Iraque, em 2014. Este trabalho partirá da análise do surgimento do grupo extremista, discorrendo também sobre as religiões presentes no Oriente Médio, em especial, ao Islamismo, uma vez que a grande maioria da população que vive lá segue esta crença; além de como são as dinâmicas de relacionamento entre eles. Partindo da análise histórica do terrorismo e explicando o conceito do mesmo, analisará também o tipo de terrorismo utilizado pelo grupo extremista Estado Islâmico. A posição dos Ocidentais e de como esses enxergam o Oriente e qual sua perspectiva sobre os muçulmanos são questões abordadas no trabalho, bem como o papel da Organização das Nações Unidas (ONU), sua posição acerca do tema e quais medidas podem ser tomadas para enfrentar o grupo terrorista. A metodologia utilizada para alcançar os objetivos foi a pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** Terrorismo. Religião. Estado Islâmico. Organização das Nações Unidas (ONU). Oriente Médio.

## **ABSTRACT**

The Islamic State terrorist group gained notoriety for the States in the international arena after conquering Iraquian cities in 2014. This monograph will start from the analysis of the rise of the extremist group, also discussing the religions present in the Middle East, in particular to Islam, once the vast majority of the population that lives there follows this belief; also how are the relationship dynamics between them. Starting from the historical analysis of terrorism and explaining the concept of the same, it will also consider the type of terrorism used by the extremist group Islamic State. The position of the West and how they see the East and what is your perspective on Muslims are issues addressed in this monograph, as well as the role of the United Nations (UN) in the world, its position on the subject and what measures can be taken to handle the terrorist group. The methodology used to achieve the goals was the literature.

**Keywords:** Terrorism. Religion. Islamic State. United Nations (UN). Middle East.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>O ESTADO ISLÂMICO</b> .....	13
2.1	SURGIMENTO DO ESTADO ISLÂMICO .....	13
2.2	AS RELIGIÕES PRESENTES NO ORIENTE MÉDIO .....	19
2.2.1	<b>Judaísmo</b> .....	20
2.2.2	<b>Cristianismo</b> .....	22
2.2.3	<b>Islamismo</b> .....	23
2.3	OS GRUPOS RELIGIOSOS DO ORIENTE MÉDIO .....	25
2.3.1	<b>Xiitas</b> .....	26
2.3.2	<b>Sunitas</b> .....	26
2.3.3	<b>Jihad</b> .....	27
<b>3</b>	<b>O TERRORISMO E O ESTADO ISLÂMICO</b> .....	30
3.1	PERSPECTIVA HISTÓRICA .....	30
3.2	CONCEITO DE TERRORISMO.....	33
3.2.1	<b>Tipos de terrorismo</b> .....	34
3.3	O TERRORISMO DO ESTADO ISLÂMICO.....	37
<b>4</b>	<b>CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES, OCIDENTAL vs. ORIENTAL</b> .....	43
4.1	O ESTADO ISLÂMICO NA PERSPECTIVA DOS MUÇULMANOS.....	43
4.2	OS MUÇULMANOS NA PERSPECTIVA DO OCIDENTE .....	46
4.3	A POSIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.....	53
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60

## 1 INTRODUÇÃO

Sabemos que atualmente o mundo vive momentos de guerra; e quando há guerra, buscam-se momentos de paz. Porém os Estados não podem ignorar o fato de que existem ameaças locais que cresceram gradativamente e, conseqüentemente, passaram do cenário regional para o cenário internacional.

Neste sentido, devemos destacar a relevância do Estado Islâmico na dinâmica internacional. Este grupo extremista vem ganhando mais destaque no cenário internacional desde o segundo semestre de 2014, quando começou a divulgar vídeos de estrangeiros como repórteres e pilotos de aviões que foram sequestrados; decapitados e queimados vivos.

Todavia, devemos refletir sobre essas “guerras” que estão ocorrendo no Oriente Médio devido ao Estado Islâmico através dos Estados em parceria com as Organizações Internacionais, tais como a Organização das Nações Unidas (ONU), de modo a buscar resoluções para as ações do grupo extremista. Desse modo, a pesquisa levanta as seguintes questões: O que fazer para conter o Estado Islâmico? Como o Estado Islâmico passou de um pequeno grupo do Oriente Médio para o maior grupo terrorista do mundo? Qual o papel dos Estados e das Organizações Internacionais neste caso?

Portanto este trabalho tem por finalidade refletir a respeito do terrorismo e da religião e como esses andam lado a lado em relação aos países do Oriente Médio, que são, em sua grande maioria, muçulmanos e acreditam que o governo deve ser liderado por uma pessoa que tenha o poder do Estado, mas também tenha a religião dentro de si. Este será o objetivo do segundo capítulo.

Portanto, neste sentido, o segundo capítulo discorrerá sobre as origens do grupo terrorista Estado islâmico, quais foram seus líderes e quais seus feitos. Além disso, abordaremos a questão das três maiores religiões monoteístas do mundo: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, apresentando as correntes religiosas da última: xiitas, sunitas e jihad, destacando qual a importância das mesmas para compreendermos o Estado Islâmico.

A seguir, o terceiro capítulo abordará a questão do terrorismo, dando uma breve perspectiva histórica acerca do tema, para entendermos que o terrorismo sempre esteve presente na História. Por conseguinte, discorreremos sobre o

conceito de terrorismo e os tipos que temos hoje na atual conjuntura. Enfim, entraremos na perspectiva do terrorismo do Estado Islâmico, para compreendermos qual o tipo de terrorismo que essa organização usa e quais seus métodos para recrutar aliados à causa.

Finalmente, o quarto capítulo abordará a questão das duas perspectivas em que o trabalho se embasa. Para isso, recorrerá a dois dos maiores autores acerca do tema: Edward Said, para comentar a questão do Orientalismo, dando sua perspectiva sobre como o Ocidente vê o Oriente e tecendo uma crítica ao mesmo; bem como Samuel Huntington e sua teoria de choque de civilizações, para explicar como os Estados possuem poder e como os conflitos regionais e mundiais exercem poder no cenário internacional. Além de obtermos ambas perspectivas, exporemos aqui, a posição da Organização das Nações Unidas, uma vez que esta é uma das maiores e mais prestigiadas organizações internacionais e é composta por quase todos os Estados do globo. O seu papel para encontrar uma solução viável para o problema do terrorismo é crucial.

Assim, podemos considerar que a realização deste trabalho é de grande pertinência, pois o grupo extremista Estado Islâmico se tornou um problema mundial, uma vez que o grupo mata civis do Oriente Médio e também civis estrangeiros além da ameaça de destruir os patrimônios históricos da humanidade. Este trabalho é viável também por se embasar em obras e artigos sobre o tema e acontecimentos anteriores, como o atentado às torres gêmeas, do 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos.

É importante destacar também é que um fato semelhante presente em todas as ações terroristas sejam elas proferidas pelo grupo do Estado Islâmico ou por outros grupos que existiram e existem atualmente, e que todos os atos são extremamente violentos e nos causam medo e pavor. Além destes fatos, o trabalho propõe contribuir com a literatura a respeito do tema, ainda escassa quando se trata de EI.

Com isso, devemos ter em mente que, se a Organização das Nações Unidas não tomarem uma iniciativa para combater todas as formas de terrorismo, os grupos passarão de uma ameaça local, interna de um Estado, para uma ameaça efetivamente internacional.

A partir disso, o propósito é fazer com que as sociedades, os Estados e a Organização das Nações Unidas entendam a real ameaça do Estado Islâmico para

o mundo. Também é de suma importância encontrar soluções para a real ameaça do grupo extremista.

Para atingir tal propósito, algumas etapas são essenciais a serem seguidas: inicialmente analisaremos as religiões presentes no Oriente Médio, bem como as civilizações que lá habitam, civilizações que habitam o resto do globo, afim de que essas compreendam umas às outras e, assim, consigam entender a ameaça do EI. Também analisaremos o conceito de terrorismo e como o grupo terrorista Estado Islâmico passou de “um braço” do grupo Al Qaeda para um grupo extremista mundialmente conhecido pelas suas ações violentas que chocam o globo. Em seguida, abordaremos também o papel dos Estados e da Organização das Nações Unidas perante essa ameaça mundial e também o que eles podem fazer para combater o terrorismo deste grupo, de modo a propor reflexões possíveis a respeito do estudo realizado.

## 2 O ESTADO ISLÂMICO

No presente capítulo discorreremos sobre o Estado Islâmico, abordando o surgimento desse grupo terrorista e quais foram seus líderes, discorrendo também a respeito das religiões monoteístas originadas no Oriente Médio, de modo a compreender a dinâmica na região em que se encontram, e como afetam a geopolítica local e mundial.

Os grupos religiosos, xiitas, sunitas e jihadistas, presentes no Oriente Médio também serão mencionados neste capítulo, com o objetivo de explicar a relevância desses povos para o surgimento do Estado Islâmico.

A seguir abordaremos o surgimento do Estado Islâmico, tomando como base a obra *A Fênix Islamista: o Estado Islâmico e a Reconfiguração do Oriente Médio*, de Loretta Napoleoni.

### 2.1 SURGIMENTO DO ESTADO ISLÂMICO

Para entender o que é o Estado Islâmico, primeiramente deve-se destacar que tal grupo é recente e que seus atos terroristas ganharam notoriedade a partir de junho de 2014 –quando conseguiu assumir o controle de Mosul, a segunda maior cidade do Iraque, e também anunciou a criação do Califado<sup>1</sup> – o que foi muito rápido, pois até pouco tempo atrás era desconhecido. Ao longo dos anos, o grupo mudou seu nome diversas vezes. Houve, porém, apenas duas trocas de líderes.

O grupo foi criado em 1999, comandado por Abu Musab al-Zarqawi, então com o nome de al-Tawhid wal-Jihad que, traduzindo, seria monoteísmo e jihad, significando para os muçulmanos que Deus é Onipresente e Onímodo<sup>2</sup> e que essa organização armada, portanto, seria fruto da obra divina. Mais tarde veio a chamar Estado Islâmico do Iraque (EII). Contudo, a primeira significativa mudança de nome ocorreu em 2004, com a aliança de fidelidade entre al-Zarqawi e Al-Qaeda, feita através de Osama Bin Laden, surgindo assim a Al-Qaeda no Iraque (AQI). Al-Zarqawi comandou o grupo até 2006, quando veio a falecer por ataques aéreos

---

<sup>1</sup> Califado: sistema de governo de um estado islâmico que combina a liderança política e religiosa na figura do califa. (Dicionário online Priberam; consultado em 22 out. 2015).

<sup>2</sup> Onímodo: que é de todos os modos ou gêneros; Ilimitado, sem restrições. (Dicionário online Priberam; consultado em 12 out. 2015).

americanos destinados a matá-lo. Devido ao fato ocorrido, Abu Ayyub al-Masri passou a substituí-lo, tornando-se assim, líder do grupo. (SARAIVA, 2014).

Quando houve a Guerra no Iraque, em 2003, o AQI atuou juntamente com outros grupos sunitas para evitar a incursão, criando-se, assim, a Mujahideen Shura Council (MSC), que nada mais era do que uma organização com o intuito de unificar a luta dos sunitas e, ao mesmo tempo, recrutar mais muçulmanos para a causa, porém foi falho devido à violência excessiva. Assim, “em outubro de 2006, o MSC institucionalizou o grupo Islamic State of Iraq (ISI), tendo como seu emir<sup>3</sup> Abu Omar al-Baghdadi, que passou a agir em coalizão com as demais tribos e grupos sunitas resistentes a presença americana no Iraque”. (WEAVER, 2006 apud SARAIVA, 2014).

Em 2010, os militares iraquianos, com apoio dos Estados Unidos, conseguiram matar Abu Ayyudal-Masri, tendo em mente que, com a morte do líder, o grupo entraria em instabilidade. Porém não foi isso que ocorreu: as atividades do grupo sunita não pararam, e foi a partir da Guerra Civil na Síria, em 2011, que o grupo ficou conhecido; agora quem passou a liderar o grupo foi Abu Bakral-Baghdadi e voltou a se chamar Estado Islâmico do Iraque. (NAPOLEONI, 2015; SARAIVA, 2014).

Em 2013, veio outra mudança de nome devido à sua fusão com o grupo jihadista (filiado à Al Qaeda) que também se opõe ao governo de al-Assad, chamado Frente Jabhat al-Nusra, tornando-se assim, Estado Islâmico do Iraque e do Levante, conhecido por al-Sham, EIL, ISIL ou ISIS. A última e atual grande mudança foi com a criação do Califado, tornando-se Estado Islâmico. (NAPOLEONI, 2015).

Ressaltamos aqui a importância das mudanças de nome da organização por gerarem diversas reestruturações ao grupo, e entendermos tal fato como essencial para compreendermos o Estado Islâmico.

Para os muçulmanos que vivem no Oriente Médio, a palavra Califado tem grande significado religioso. Acreditam que é algo criado por Maomé e, com isso, creem que o EI é fruto da obra divina. Porém, para o Ocidente isso não significa nada, e as ações proferidas pela organização nos remetem a um sentimento de medo. Contudo, uma forte característica da visão dos governantes ocidentais é de que o EI é apenas uma organização terrorista que deve ser combatida, não dando

---

<sup>3</sup> Emir: chefe.



ênfase na palavra Estado, pois assim acreditam que o grupo não se torne um Estado autônomo, com leis próprias. (NAPOLEONI, 2015).

O que diferencia o Estado Islâmico das demais organizações existentes no Oriente Médio é o fato de que a organização lida de forma diferente com a população e a privatização do terrorismo, e sua expansão é correlacionada ao seu pragmatismo e sua habilidade de manipular a modernidade em benefício próprio.

Seu objetivo é a criação de um Estado nacional, uma vez que foi alcançado algo inesperado, e teoricamente impossível, o Califado, a união entre política e religião sob poder do califa. Partindo desse acontecimento e sua mensagem sendo propagada aos países do Oriente Médio, o grupo conseguiu adeptos, uma vez que a região sempre foi assolada por guerras, corrupção generalizada e ditadura política, acreditando que o EI não é apenas um dos inúmeros grupos armados existentes, mas sim uma nova e promissora organização política e também um novo Período Áureo do Islã. Além disso, moradores de territórios dominados pelo EI veem o mesmo de uma forma positiva, pois sua chegada coincide com melhorias de vida da população local, uma vez que a organização disponibiliza cozinhas comunitárias gratuitas para os cidadãos necessitados, além do fornecimento de energia. (NAPOLEONI, 2015).

De fato, os dirigentes do EI estudaram táticas e outras organizações armadas que existiram durante as décadas de 60 e 70, na Europa, tais como IRA e a Brigada Vermelha. Dispondo-se das redes sociais presentes na Internet, propagam o terrorismo através de imagens fortes, sabendo sua capacidade de sensacionalismo e criando um sentimento de medo profundo.

Porém, quando o EI começou a ganhar força, em 2014, os jornalistas e aqueles que o protegiam já não mais podiam entrar em territórios dominados pela organização, pois já não estavam mais seguros. O bloqueio sofrido pelos jornalistas foi muito conveniente para os Estados Unidos, uma vez que este poderia ocultar o fato de que a “Guerra ao Terror” após os ataques de 11 de setembro de 2001, em 2003, foi um fiasco e, de alguma forma, foi uma das causas que originou o EI. (COCKBURN, 2015).

Apesar de haver um lado negativo do Estado Islâmico, em questões que abordam as mulheres e crianças de regiões conquistadas, não houve antes, na história, uma organização que entendesse os problemas da população sunita – pois

sabemos que o governo de Assad é xiita e como existe um conflito milenar entre ambos, os sunitas são deixados de lado.

Nos últimos anos, a organização dominou algumas regiões dos territórios do Iraque e da Síria, e além de seu poder militar, o EI possui também o poder político e o exerce sobre os moradores que residem nesses territórios – uma vez que não conseguiram ir embora tanto por motivos financeiros ou físicos – obrigando-os a se converterem ao fundamentalismo em que acreditam, se eles não se convertem, são mortos. Para a população que adere ao fundamentalismo do EI, as cidades são cuidadas, o EI dispõe de infraestrutura como saneamento básico, recapeamento de ruas e comida para a população, além de envolvê-las na produção do petróleo e outros trabalhos relacionados, tudo para conquistar a confiança da população daquela região. (NAPOLEONI, 2015).

Ainda segundo o autor supracitado, Al-Zarqawi, o primeiro líder do grupo, foi o responsável por atrelar ao EI a doutrina do salafismo extremista, que nada mais é do que a total rejeição de valores e influências do Ocidente – presente na atual conjuntura. Ele também recusou o convite de Bin Laden para entrar na Al Qaeda, já que seu objetivo primordial não era lutar contra os Estados Unidos, mas sim contra o governo jordaniano, além de fundar um Estado islâmico na região.

Sua ascensão à arena iraquiana foi marcada pelos primeiros ataques suicidas no país. De acordo com Napoleoni (2015, p. 33):

Em agosto de 2003, um caminhão-bomba explodiu na sede das Nações Unidas em Bagdá, matando o chefe da delegação e vários membros da instituição. Alguns dias depois, Yassin Jarrad, o pai da segunda esposa de al-Zarqawi, atirou-se com um carro carregado de explosivos contra a mesquita do imã Ali. A explosão matou 125 xiitas, entre os quais o aiatolá Mohammed Baqer al-Hakim, o líder espiritual do Conselho Supremo da Revolução Islâmica no Iraque (CSR II), atual Supremo Conselho Islâmico do Iraque. O aiatolá tinha acabado de retornar do Irã, após a queda de Saddam Hussein, e estava se preparando para conduzir o CRS II à vitória política num Iraque democrático.

Nesta época, os ocidentais não sabiam o real significado desses ataques suicidas e pensavam que o conflito no Iraque era travado entre milícia e seguidores de Saddam. Por outro lado, sua mensagem foi bem compreendida pelos jihadistas: al-Zarqawi mostrou que suas ações eram contra os xiitas e forças de coalizão, utilizando-se das missões suicidas como tática terrorista.

Devido a esse fato, Osama Bin Laden proclamou al-Zarqawi como chefe da Al Qaeda no Iraque, cujo nome do grupo era Tawid al-Jihad e que, mais tarde, veio a se tornar o Estado Islâmico no Iraque. Nesta ocasião, al-Zarqawi conseguiu atrair mais seguidores e recursos financeiros para enfrentar as tropas norte-americanas, ao passo que suicidas bombardeavam as forças xiitas que estavam levando o país para uma guerra civil. Contudo, em 2006, diante de um ataque norteamericano, al-Zarqawi foi morto, e tal acontecimento impediu a eclosão de uma guerra religiosa, incapacitando a sua organização.(NAPOLEONI, 2015).

O autor ainda pontua que, com a morte do então líder da Al Qaeda no Iraque, al-Zarqawi, e devido ao Despertar Sunita, em que os anciãos convenceram a população de que os jihadistas eram inimigos e estrangeiros, combinados com a estratégia militar norte-americana, os grupos jihadistas presentes no Iraque foram enfraquecidos.

Algumas modificações surgem em 2010, quando al-Baghdadi assumiu a liderança do que restou da Al Qaeda no Iraque. Adotou novamente o antigo nome Estado Islâmico do Iraque e manteve o ataque a alvos norte-americanos no país. Contudo distanciou-se da Al Qaeda, sabendo que esta já estava decaindo em relação à opinião popular depois do Despertar Sunita; sabiam também que o governo xiita estava enfraquecendo, dado que este havia tratado a população de forma injusta e discriminatória, por meio da violência. (NAPOLEONI, 2015).

Ressaltamos aqui a relação de al-Baghdadi com o grupo de al-Zarqawi antes de sua morte, pois, em 2003, al-Baghdadi se juntou ao grupo do antigo líder, o Tawhid al-Jihad, com o objetivo de infiltrar combatentes estrangeiros no Iraque; anos depois, tornou-se emir de uma cidade, Rawa. Tal período evidencia o início de seu legado, no qual al-Baghdadi mandava matar publicamente os suspeitos de ajudar as forças de coalizão das tropas norte-americanas. Porém, ao mesmo tempo em que ele era conhecido em sua região, mantinha certa cautela em relação à sua imagem e evitava os holofotes – daí a falta de conhecimento do Ocidente perante seu potencial para ocupar cargos de liderança. (NAPOLEONI, 2015).

Assim, al-Baghdadi começou a atacar os xiitas, desencadeando um conflito religioso. Entretanto, a organização era pequena e não surtira o efeito desejado por seu líder além de não promover mudanças. Entretanto, al-Baghdadi viu ali uma oportunidade para o fortalecimento e reorganização do grupo.

Em 2011, um grupo de jihadistas foi mandado para a Síria com o intuito de saber sobre alguma oportunidade de crescimento militar. De fato, elas existiam. Consequentemente, através desta guerra por procuração, o EI obteve treinamento militar e recursos financeiros para remodelar o grupo, tornando-se assim não apenas um grupo jihadista qualquer, mas uma organização com seu próprio território e poderio militar. (NAPOLEONI, 2015).

O objetivo de al-Baghdadi era tão grande quanto o de seu antecessor, al-Zarqawi: queria restaurar o Califado por meio de conquistas contra inimigos próximos, e para tanto seguiu a mesma estratégia que al-Zarqawi havia iniciado em sua época, através da guerra de conquista de porta em porta.

Para a conquista do Iraque, al-Baghdadi usou a estratégia criada pelo antigo líder, a mesma empregada no Cinturão de Bagdá – recurso esse decisivo para a construção do Califado. Como explica Napoleoni (2015, p. 36), “o Cinturão de Bagdá era o codinome criado por al-Zarqawi para designar seu plano de conquista de Bagdá. Em vez de tomar o centro urbano da capital, ele planejava isolá-la conquistando aos poucos o ‘cinturão’ de cidades da região”.

Segundo o plano original, al-Zarqawi queria usar as bases do EI para controlar o acesso à Bagdá, além de conseguir dinheiro, armas e até recrutas para se juntar à causa. Também queria obstruir as rotas dos aviões norte-americanos. O cinturão era dividido em cinco regiões, como explica Napoleoni (2015), uma no sul, abrangendo a província de Babil ao norte e ao sul, Diyala; outra no oeste em Anbar e Thar; ao norte, composto pelas províncias de Salah-ad-Din (no sul) e Taji (no leste), composto pelas áreas rurais de Bagdá, além do “Cinturão de Diyala” composto por Baqubah e Khalis.

Neste sentido, o desenrolar da operação é explicado por Napoleoni (2015, p. 37):

No começo de 2006, os jihadistas do grupo de al-Zarqawi iniciaram a execução do plano, tomando primeiramente a cidade de Fajullah e a maior parte da província de Anbar. Em março e abril, eles avançaram sobre Bagdá, conquistando Karma e Abu Ghraib. Por fim, lançaram ataques a bomba no norte da província de Babil e no sul de Bagdá. Com a maior parte do Cinturão sob seu controle, o grupo consolidou o poder em sua fortaleza sunita. Mas, em 2007, os responsáveis pelo reforço da tropa americana no Iraque enviaram mais de 130 mil soldados para lá com a missão de reconquistar as cidades em torno de Bagdá e do chamado “triângulo da morte”, ao sul da capital. Em parceria com contingentes militares organizados por líderes do movimento, o Despertar Sunita e forças de segurança iraquianas que chegavam a centenas de milhares, as operações

americanas no país duraram mais de um ano e seus ataques “visaram os centros de comando e controle operacional, centros e bases de treinamento militar e fábricas de bombas suicidas e artefatos explosivos improvisados do Estado Islâmico no Iraque (na época, braço da Al-Qaeda no país)”. Próximo ao desfecho da operação, seus responsáveis anunciaram que ela foi um sucesso. (NAPOLEONI, 2015, p. 37).

Quando al-Baghdadi assume a liderança, em 2014, ele reinstalou o exército do EI no local conquistado por al-Zarqawi, em 2007, no Cinturão de Bagdá. Ao fazer isso, al-Baghdadi conseguiu um feito inédito, cujo próprio al-Zarqawi não havia conseguido, “a incorporação das cidades do Cinturão de Bagdá a um novo Estado”. Portanto, não surpreende que muitos sunitas iraquianos considerem o EI e seu líder, como uma “Fênix Islamista, renascida das cinzas da jihad de Abu Musab al-Zarqawi”. (NAPOLEONI, 2015, p. 38).

A seguir, abordaremos o tema das religiões para compreendermos o motivo pelo qual há tantos conflitos dentro do Oriente Médio e para entendermos os objetivos do Estado Islâmico.

## 2.2 AS RELIGIÕES PRESENTES NO ORIENTE MÉDIO

A religião é um fator predominantemente responsável pelos conflitos no Oriente Médio, pois de lá surgiram rastros primordiais de muitas religiões que conhecemos atualmente. Neste sentido, para explicarmos as religiões, nos embasaremos na obra de Hellern, Notaker e Gaarder (2001): O Livro das Religiões.

As três principais religiões monoteístas surgiram no Oriente Médio: o Cristianismo, Islamismo e Judaísmo. Discorreremos sobre todas elas, embora seja mais válido enfatizar as duas últimas, promovendo, assim, uma melhor compreensão quanto aos conflitos atuais e também os antigos daquela região.

Segundo Hellern, Notaker e Gaarder (2001) houve muitas tentativas de classificar as religiões presentes no planeta. Classificaremos, seguindo esses autores de religiões orientais e ocidentais, por religiões orientais estão presentes o hinduísmo, budismo e taoísmo e, por religiões ocidentais estão o cristianismo, islamismo e judaísmo. Neste aspecto, discorreremos aqui apenas as religiões intituladas de ocidentais.

É importante sabermos que as religiões ocidentais: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, possuem uma visão diferente de algumas questões como sobre a

História: os seguidores dessas religiões acreditam em uma história linear, ou seja, ela tem um começo e um fim; o mundo foi criado e um dia vai terminar. O conceito de Deus para essas religiões é a de que Ele é o criador e único, é Ele quem detém todo o poder. A noção de humanidade entre os seguidores dessas religiões é a de que há um espaço gigante entre o ser humano e Deus e o maior pecado que uma pessoa poderia cometer é querer ser Deus, invés de viver à sua vontade. (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001).

Para os seguidores dessas religiões mencionadas, eles creem que há salvação e que existe vida após a morte, acreditam também em céu e inferno e que Deus “redime o ser humano, julga e dá a punição”. A ética para eles é que eles são um “instrumento da ação divina e deve obedecer à vontade de Deus”, não pecando e não fazendo o mal. E por fim, o culto dessas religiões é: “orar, pregar, louvar”. (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001, p. 40).

Neste sentido, discutiremos sobre tais religiões, ressaltando que todas tiveram início no Oriente Médio. Por serem monoteístas e acreditarem em um único Deus, que se revelou à Abraão (c. 1800 a.C.) são chamadas de “abraâmicas”. “As três exerceram influência na região do Mediterrâneo, mas o cristianismo e o islã se difundiram muito mais que o judaísmo”. (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001, p. 104-105).

### **2.2.1 Judaísmo**

“A palavra judeu deriva de Judéia, nome de uma parte do antigo reino de Israel. Judaísmo reflete essa ligação. A religião é chamada ainda de "mosaica", já que se considera Moisés um de seus fundadores”. (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001, p. 105).

O Judaísmo é a religião monoteísta mais antiga do mundo, porém é a que possui menor número de fiéis, cerca de 12 a 15 milhões pelo mundo. Todavia, a grande maioria vive em Israel. Vale ressaltar que o número de seguidores desta religião seria mais elevado se não fosse o Holocausto da Segunda Guerra Mundial, na década de 1940. (JUDAÍSMO, [c2014]). Esta religião “não é apenas uma comunidade religiosa, mas também étnica. Historicamente, o termo judeu tem conotações raciais, porém estas são inexatas. Existem judeus de todas as cores de pele”, afirmam Hellern, Notaker e Gaarder (2001, p. 105).

Essa religião surgiu no século XVIII a.C., quando Abraão recebeu um chamado de Deus dizendo-o para abandonar sua antiga crença e mudar-se para Canaã – que atualmente é conhecida como Palestina. Abraão possui um filho chamado Isaque e um neto chamado Jacó – este lutou com um anjo enviado por Deus e tem seu nome mudado para Israel. Jacó tem doze filhos e esses dão origem às doze tribos judaicas. Em meados de 1700 a.C., os judeus migram para o Egito, sendo escravizados pelos faraós por volta de 400 anos. A libertação desses povos é comandada por Moisés, quando decidem fugir. Moisés recebe os Dez Mandamentos no monte Sinai e durante 40 anos eles peregrinam pelo deserto, até que recebem um sinal divino para voltarem a Canaã.

Jerusalém foi transformada pelo rei Davi em um centro religioso. Após a sucessão de seu filho, Salomão, as tribos se dividiram em dois reinos, o de Israel e de Judá. Neste momento, originou-se uma crença da vinda de um messias que juntaria Israel e restauraria o poder de Deus sobre o mundo.

Em 721 a.C. ocorre a diáspora judaica, com a invasão da Babilônia, deportando parte da população residente no local. Anos depois, ocorre a segunda diáspora judaica, quando os judeus são expulsos pelo Império Romano, resultando num abandono do território e sua propagação pelo mundo. Entretanto, com a criação do Estado de Israel, em 1948, os judeus retornaram ao Oriente Médio, iniciando conflitos com os povos locais por questões territoriais – judeus contra palestinos.

Os judeus acreditam que IHVH, Javé ou Jeová em português, é onipresente, onisciente, influencia todo o universo e possui uma relação especial com seu povo. Para eles, o maior pecado cometido pelo ser humano é a adoração de imagens ou ídolos, por isso, nas sinagogas (local onde os judeus se encontram para rezar) não possuem nenhum tipo de imagem. Nenhum livro sagrado do judaísmo refere-se à vida após a morte; porém, com o exílio à Babilônia, alguns grupos assimilaram a ideia.

O principal ponto de fé da religião judaica é a obediência aos mandamentos de Deus referidos nos livros sagrados, pois acreditam que agindo em de acordo com estes seria da vontade divina, demonstrando respeito e amor para com Deus. “Na antiga tradição judaica, o homem é visto como um todo; corpo e alma estão intimamente ligados, e ambos são obra de Deus”. (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001, p. 23).

Ainda de acordo com Hellern, Notaker e Gaarder (2001, p. 112):

O livro sagrado dos judeus é a Bíblia, uma coleção de textos de natureza histórica, literária e religiosa. A Bíblia judaica equivale ao Antigo Testamento, porém é organizada de maneira um pouco diferente. O cânone judaico foi fixado por um concílio em Jabne por volta de 100 d.C. Compreende 24 livros, divididos em três grupos: a Lei (Torá) — o Pentateuco, ou os cinco livros de Moisés; os profetas (Neviim) — os livros históricos e proféticos; os escritos (Ketuvim) — os demais livros. (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001, p. 112).

Atrelado a isso, o judaísmo é a religião da família. Seus seguidores se consideram como parte de uma comunidade global que possui laços estreitos com outros judeus e, grande parte de sua fé é baseada nos ensinamentos aprendidos no lar e em atividades familiares, ou seja, essa tradição é cultural para os judeus.

Algo em comum que as três religiões possuem, além de serem monoteístas, é o fato de todas considerarem Jerusalém uma cidade sagrada, como destacaremos a seguir.

### **2.2.2 Cristianismo**

O Cristianismo surgiu na região denominada atualmente como Palestina, no século I, neste período governada pelo Império Romano. Essa religião foi criada por Jesus, espalhando-se rapidamente pelos quatro cantos do mundo. Os cristãos defendiam a paz, a harmonia, o respeito e amor entre os homens, e isso incomodava o Império Romano, pois tinham interesses divergentes. Com isso, Jesus e seus seguidores foram perseguidos, sob a justificativa de que não cultuavam os deuses do Império e seu imperador. Posteriormente, Jesus foi morto, e após sua morte, seus discípulos propagaram seus ensinamentos por Roma e espalharam-se pela Ásia, África e Europa, sendo também perseguidos e culpados pelos problemas socioeconômicos que o Império passava.

De acordo com a doutrina cristã, Deus mandou para a terra seu filho (Jesus Cristo, o Messias) para a salvação da humanidade. Tal homem seria responsável por difundir a palavra de Deus entre os homens. Jesus foi perseguido, dando sua vida pelos mesmos. Ressuscitou e foi para o céu, oferecendo a oportunidade de vida eterna, após a morte a todos aqueles que nele creem e seguem seus mandamentos.

A principal mensagem da religião cristã é a importância do amor sobre todas as coisas. Para ela, Deus é o Pai; o Filho, Jesus e o Espírito Santo, formando-se



assim, a Santíssima Trindade. A Bíblia é o livro sagrado para os cristãos e dividi-se em dois testamentos, o Antigo, que contava história sobre o surgimento do mundo e a vinda do Messias, e o Novo, escrito após a morte de Jesus e que fala sobre a vida do mesmo. Neste sentido, Hellern, Notaker e Gaarder (2001, p. 148), destacam que “a Bíblia é o livro mais lido do mundo, hoje e em toda a história humana. Nenhum outro livro teve maior influência literária. Até mesmo escritores não cristãos reconheceram a Bíblia como sua fonte de inspiração mais importante”.

A religião obteve tantos seguidores que o imperador Constantino, no ano de 313, publicou o Edito de Milão, concedendo liberdade ao culto e, posteriormente, no ano de 391, o imperador Teodósio transformou o Cristianismo na religião oficial do Império, através da publicação do Edito de Tessalônica. Atualmente é a religião que abriga o maior número de fiéis no mundo, divididos em três ramificações: Igreja Ortodoxa, catolicismo e protestantismo.

Os cultos são feitos para e pelos cristãos são realizados em Igrejas. A igreja surgiu a partir da morte de Jesus, quando os seguidores se reuniam para conhecer as histórias de Jesus e os milagres que Ele fazia. Essas estão associadas à comunhão com Cristo e a reunião e companheirismo entre os seguidores, além de ser um local para a reunião dessas pessoas para adorar a Jesus. (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001).

Sobre a morte, os cristãos acreditam que:

Mesmo no cristianismo, a "vida eterna" não é associada a uma "alma eterna". Menciona-se a "ressurreição do corpo", ou, em outras palavras, a reconstituição da pessoa inteira. E verdade que o cristianismo fala num "corpo espiritual", porém isso serve para enfatizar a idéia de que o homem, após a ressurreição, não se tornará um espírito indefinido. (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001, p. 24).

### **2.2.3 Islamismo**

O Islamismo foi fundado no século VII, por volta de 570 d.C., na Arábia Saudita e, possui “suas raízes numa renovação ou reforma da antiga religião dos nômades árabes, a qual possuía numerosos deuses tribais” (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001, p. 19). Posteriormente, dispersou-se pelos demais países do Oriente Médio, através dos árabes. Esta religião não possui seguidores apenas no Oriente Médio; atualmente os adeptos da religião islâmica se encontram também em

parte da África, Ásia e até mesmo da Europa. Não surpreendentemente, o Islamismo é a religião que mais tem seguidores no Oriente Médio. Essa religião é fundamentada nos ensinamentos de Mohammed – Maomé para os ocidentais.

Sobre as origens do Islã, Hellern, Notaker e Gaarder(2001, p. 127) discorrem:

O islã teve origem na Arábia e ainda hoje está intimamente relacionado à cultura árabe. Entre outras razões, porque o livro sagrado dos muçulmanos, o Corãoou Alcorão, foi escrito em árabe. Em consequência, o elemento árabe é importante no islã, embora hoje só uma minoria dos muçulmanos seja árabe. O islã está amplamente difundido em vastas regiões da África e da Ásia, e é praticado por uma sétima parte da população do mundo (por volta de 15%). Atualmente é a segunda maior religião do planeta depois do cristianismo, e grandes levas de imigrantes asiáticos e africanos o transformaram também na maior religião de minorias étnicas na Europa.

Entretanto, após sua morte, os seguidores do Islamismo passaram a ser governados por califas, descendentes de Maomé além de sofrer ramificações, cada qual com sua característica. Ao contrário do que muitos pensam, os xiitas e sunitas se originaram a partir do governo de Ali, uma vez que sua governança foi marcada por várias controvérsias. “Assim, a principal dissidência no islã não foi causada por uma divisão ideológica, mas por um desacordo sobre quem devia ser o líder”. (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001, p. 132).

Dentre essas ramificações, são quatro os principais segmentos da religião islâmica que recebem adeptos: primeiramente, os sunitas, que constituem a maior parte de seguidores desta religião e reconhecem a sucessão de Mohammed por Abu Bakr e pelos três califas que o seguem; os xiitas, que reconhecem a sucessão de Mohammed por Ali, ou seja, um descendente direto do Profeta; os drusos e os alauítas. Neste sentido, Hellern, Notaker e Gaarder (2001, p. 132) discorrem:

Após a morte de Ali, o califado teve sede em Damasco por algum tempo e a seguir instalou-se em Bagdá, onde permaneceu por um período de quinhentos anos. Depois disso, a liderança passou para o sultão turco de Istambul. O último sultão foi derrubado em 1924, e desde então o mundo islâmico deixou de ter um califa como líder.

As pessoas adeptas ao islamismo são chamadas de muçulmanos ou islamitas. Eles seguem o Alcorão, como dito anteriormente, o sagrado, o qual contém revelações de Alá, recebidas por Maomé por intervenção do Anjo Gabriel; O Hadith, que contém os pensamentos e ações de Maomé e OSunnah, um conjunto de regras de conduta que devem ser seguidas pelos islâmicos:

Os muçulmanos, seguidores dessa religião, acreditam que há vida após a morte e em Juízo Final. Para eles, existem três locais sagrados. O primeiro é a cidade de Meca, local onde está situada a pedra negra. O segundo local é a cidade de Medina, onde foi construído por Maomé o primeiro templo (mesquita). A última localidade sagrada é Jerusalém, considerada a cidade onde o profeta foi para o céu ao encontro de Moisés e Jesus no Paraíso. (ORIENTE..., [20--?]).

Os seguidores do islamismo acreditam em Deus e também nos Anjos, nos profetas que fizeram revelações sobre Deus, no apocalipse, e no juízo final – onde todos prestarão contas a Deus, e ainda creem que Deus possui o destino de cada homem, bem como sua morte.

As práticas religiosas são fundamentais e devem ser seguidas pelos adeptos do islamismo. Entre elas estão o dever de ajudar os mais necessitados, doando uma parte de seus bens a eles; as cinco preces diárias a Alá; a obrigação do jejum entre o amanhecer e o entardecer durante o Ramadan. Além disso, todos os seguidores desta religião devem, pelo menos uma vez na vida, realizar a peregrinação à cidade de Meca, simbolizando a peregrinação do próprio Maomé.

Islã ou Islam significa, em árabe, “submissão” ou “entrega”, que deriva de outra palavra relacionada à paz. No sentido religioso, Islam significa total submissão à vontade de Deus. (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2001, p. 127). O islamismo proíbe o consumo de drogas (as que causam dependência) e carne de porco. O consumo de bebida, porém, é saudável e deve-se viver de forma saudável.

### 2.3 OS GRUPOS RELIGIOSOS DO ORIENTE MÉDIO

A diversidade étnica, cultural e religiosa do Oriente Médio é enorme, sendo responsável pelos conflitos naquela região. Contudo, daremos ênfase, para este trabalho, nas correntes religiosas do islamismo: xiitas, sunitas e jihad, para que haja uma compreensão mais eficaz por parte do leitor – uma vez que os materiais publicados atualmente não vêm com uma explicação para que o leitor possa compreender completamente os conflitos entre os grupos religiosos do Oriente Médio.

### 2.3.1 Xiitas

Os xiitas são uma ramificação minoritária do islamismo, e a palavra carrega o significado “seguidores de Ali” – primo e genro de Maomé. Eles o consideram o sucessor legítimo de Maomé. Segundo Cockburn (2015, p. 202-203), “os xiitas atribuem autoridade espiritual à família e aos descendentes do Profeta, os quais seriam infalíveis. É majoritário em poucos lugares, nomeadamente no Irã, Iraque, Azerbaijão e no Bahrein”.

Inicialmente, os xiitas eram voltados mais para questões políticas e apoiavam o poder de Ali Abu Talib, que foi assassinado em 661, depois de se tornar sucessor de Maomé. Após este ocorrido, os xiitas se sentiram na obrigação de defender a legitimidade religiosa de seus descendentes, considerando, assim, os sunitas como ilegítimos.

Para os xiitas, os únicos a serem reconhecidos como califas são Ali e seus descendentes, sendo eles líderes aprovados por Alá. Teriam a capacidade de tomar decisões políticas melhores, o que os difere dos sunitas, já que esses consideram o imã como chefe da natureza de Deus e mediador.

Os xiitas dividem-se em vários grupos menores, dispersos por países do Oriente Médio, sendo bastante numerosos, principalmente no Irã.

### 2.3.2 Sunitas

Os sunitas surgiram das ramificações que o Islamismo sofreu com a morte de Maomé. Eles são conhecidos como Povo do Suna e da Coletividade. Suna, ou Caminho Percorrido, é o nome dado às ações e palavras de Maomé e seus seguidores contidas em um livro. Neste sentido, Cockburn (2015, p. 202) discorre:

Professado pela maior parte dos muçulmanos, deriva da palavra árabe “sunnah”, que significa “hábito”, “prática usual”, “costume” ou “tradição”. Possui subdivisões importantes, com sensíveis diferenças entre si, mas pode ser considerado o veio principal da religião islâmica. É a vertente mais popular na Península Arábica, Indonésia e no Magreb.

Os sunitas afirmam seguir esse caminho, o qual possui uma posição mais flexível dos textos sagrados, buscando também estabelecer o diálogo e uma posição conciliatória para com outros povos em questões políticas e religiosas.

Adicionalmente, também afirmam seguir os caminhos de coletividade entre os muçulmanos, possibilitando a modelagem de suas crenças com o passar dos tempos.

Os sunitas creem que Maomé não deixou herdeiros legítimos, e para ocupar seu cargo, deveria haver uma eleição entre os islâmicos.

Importante ressaltarmos que os sunitas são maioria e que eles compõem o lado mais radical do Islã. Caso haja conflitos políticos entre os grupos, os sunitas são responsáveis por promoverem os carros-bombas que vemos nos noticiários.

Uma subdivisão do islamismo sunita é o Wahabismo. Este termo é crucial para entendermos o EI, pois alguns autores atribuem o pensamento do grupo à essa ramificação dos sunitas. Neste sentido, Cockburn (2015, p. 206) discorre:

[...] de caráter salafista<sup>4</sup>, fundada pelo estudioso Muhammad ibn Abd Al-Wahhab, no século 18, na região central da Península Arábica. O movimento busca fazer o islamismo retomar suas raízes originais, desprezando os ensinamentos das escolas e, não raro, hostilizando os muçulmanos que não partilham de sua visão particular do Islã – no que se incluem, sobretudo, os xiitas. Sua disseminação está ligada à ascensão do clã Al-Saud, o qual pactuou com Al-Wahhab, há um longo período. O Estado surgido do clã, a Arábia Saudita, tornou-se fiel aliado do Ocidente. Também se proclama guardião de Meca, em torno da qual foi erguido. O wahabismo exerce significativamente influência no mundo islâmico, inspirando não só o regime de seu país, mas movimentos como o ISIS ou o Boko Haram.

### 2.3.3 Jihad

Jihadista ou mujahid (no plural: mujahidin) são aqueles que praticam a jihad, no sentido de realizar ações militares de defesa do Islã. (COCKBURN, 2015).

O jihad é, basicamente, uma ramificação dos sunitas, porém de modo mais extremista. O termo jihad é usado pela mídia mundial e por políticos apenas para diferenciar os grupos sunitas violentos dos não violentos, porém não é esse o conceito original do jihad. Em árabe, “a palavra significa ‘esforço’ ou ‘luta’, o que compreende, dentro do Islã, uma luta interna de um indivíduo com seus instintos básicos, ou o esforço para construir uma boa sociedade muçulmana ou uma guerra

---

<sup>4</sup> Salafismo é o “que diz respeito ao profeta Maomé, seus aliados e às primeiras gerações deste, sendo um designativo genérico para vários movimentos islâmicos que, ao longo da história, defendem uma volta às origens da religião, desconsiderando várias invenções práticas e teológicas. (COCKBURN, Patrick. A origem do Estado Islâmico: o fracasso da “Guerra ao Terror” e a ascensão jihadista, 2015).

pela fé contra os infiéis” (O QUE É O JIHADISMO?,2014). A palavra jihad possui muitos significados, sendo um deles o de guerra santa. (COCKBURN, 2015).

Para a religião muçulmana, existem dois tipos de jihad: a luta pela melhoria pessoal de cada ser, como dito anteriormente, e a busca de uma humanidade melhor através do islamismo e dos muçulmanos, buscando disseminar sua religião para o maior número de pessoas possível. O maior jihad que os muçulmanos acreditam é se esforçar pessoal, espiritual e introspectivamente controlar seus impulsos e souber perdoar os pecados em nome de Alá.

O segundo significado é a jihad externa, que está representada na palavra de Maomé e consiste em os muçulmanos disseminarem para todos os povos sua religião e difundir a justiça e a paz.

Uma organização que surgiu dentro do jihad se chama Jihad-islâmica; trata-se de uma organização fundamentalista e nacionalista, que surgiu na Faixa de Gaza, na década de 1970. Foi criada por um grupo de estudantes egípcios que não concordavam com a Irmandade Muçulmana, por considerarem-na moderada e não comprometida com a causa da palestina, com o objetivo de destruir o Estado de Israel e fundar um novo Estado islâmico, controlado pelos palestinos.

Este grupo é o mais independente dentre as facções muçulmanas e são poucos os que os apoiam.

Os jihadistas dividem o mundo em "reino do islã" (dar al-Islam), terras sob a lei muçulmana, e o "reino da guerra" (dar al-harb), terras que não seguem a lei muçulmana e onde, em determinadas circunstâncias, a guerra em defesa da fé pode ser aprovada.

Líderes e governos muçulmanos que os jihadistas acreditam terem abandonado as recomendações da sharia são considerados como estando fora do "reino do Islã", o que os tornaria alvos legítimos de ataque (O QUE É O JIHADISMO?,2014).

Ainda, existem organizações derivadas do jihadismo. Neste sentido, Cockburn (2015, p. 203) discorre:

No final do século 20, o termo apareceu de modo recorrente com o avanço de certas organizações armadas islâmicas, geralmente sunitas, as quais usam a Jihad como discurso legitimador da sua luta contra governos nacionalistas árabes, potências ocidentais ou mesmo a antiga União Soviética. As primeiras organizações do tipo a aparecerem nos noticiários internacionais foram a Al-Qaeda e a resistência antissoviética do Afeganistão (da qual desembocou o Talibã). Hoje, o ISIS, a Frente Al-Nusra e o Boko Haram são importantes exemplos desse tipo de organização.

Além dos grupos jihadistas derivados dos sunitas, há também os derivados dos xiitas, porém são em menor número e suas atitudes são completamente diferentes dos outros, uma vez que suas ações são mais defensivas.

### 3 O TERRORISMO E O ESTADO ISLÂMICO

Neste capítulo, discorreremos sobre a perspectiva histórica do terrorismo, apontando em que momento da História surgiu este termo, para, então, entendermos as ações que são denominadas terroristas. Abordaremos, ainda, os conceitos acerca do terrorismo, como este foi se modificando ao longo dos tempos e quais os tipos existentes no mundo. Em seguida, demonstraremos a questão do terrorismo a partir das ações do Estado Islâmico e como esse grupo vem conseguindo se destacar e virar manchete em todos os jornais do mundo com seu novo estilo de terrorismo.

#### 3.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA

Para termos um entendimento completo acerca do terrorismo e quais tipos existem atualmente no cenário nacional e internacional, devemos, primeiramente, compreender sua história ao longo dos tempos.

Fazendo um breve estudo sobre a história do terrorismo, podemos perceber que este sempre esteve presente no mundo, desde o início da civilização humana. O mais surpreendente é que o causador de terror, naquela época, era o Poder Estabelecido, tanto diante de nações inimigas, quanto diante de seu próprio povo, como forma de repressão. Neste sentido, Carr (2002 apud MAZETTO, [2003]), aponta que:

O Império Romano utilizou táticas de terrorismo contra os povos dominados, com a finalidade de baixar o moral e enfraquecer a resistência das tropas inimigas. [...] a expressão utilizada na época era “guerra punitiva” que, mais tarde, foi substituída por “guerra destrutiva”. Entre os atos inomináveis praticados pelas legiões romanas estavam os estupros e saques, como forma de recompensa aos soldados, já que eram extremamente mal remunerados. [...] os romanos também sabiam gerenciar a pax romana, pois não conseguiriam manter um império apenas com atos de violência.

Podemos notar, então, a utilização do terror no final das Guerras Púnicas também, pois Roma destruiu Cartago e dizimou toda sua população, não poupando idosos, mulheres ou crianças, como forma de apagar qualquer resquício de civilização. O terrorismo também esteve presente no Império Egípcio, nas Civilizações da Mesopotâmia e na Grécia.



A queda do Império Romano, em 476 d.C., foi predominantemente causada pela deterioração de suas próprias instituições políticas e sociais, além das táticas de terror realizadas pelos povos bárbaros outrora aprendidas com os próprios romanos. Nesta época, o conceito de “guerra justa” ganha suporte ideológico. Nas obras de Santo Agostinho, a guerra justa, deve sempre acontecer em prol da paz, quando a vitória era dada para a causa mais justa, era motivo de satisfação, pois no final sempre encontraria a paz. (CARR, 2002 apud MAZETTO, [2003]).

A expansão do Islã no século VII, no Oriente Médio, África e Europa, trouxe consigo os princípios da guerra santa, para a conversão dos fiéis ao islamismo. Com o Califado de Medina, os povos daquelas regiões foram resignados a um regime de força.

Outro traço de terror é percebido por parte da Igreja Católica, no século X, quando instituiu a Paz de Deus, que consistia numa série de proibições contra as guerras e contra as populações que viviam na Europa.

Na Idade Média, houveram muitos atos de terror provocados em grande parte, pelo fundamentalismo religioso, cristão e muçulmano. Essa intolerância provocou ações terroristas pelo poder estabelecido, seja ela a própria instituição religiosa ou o Estado Teocrático<sup>5</sup> e Pseudo-Teocrático. Um exemplo que podemos citar aqui seria os diversos grupos extremistas religiosos que se originaram no Oriente Médio.

Nos séculos XII e XIII, na Europa, surgiram as Cruzadas, campanhas militares desenvolvidas pelos cristãos ocidentais para libertarem os cristãos do Oriente e liberar os lugares santos do domínio dos muçulmanos. Porém, logo foram abandonados os interesses religiosos sobre o conflito, deixando apenas os interesses políticos e econômicos. Houve diversos massacres promovidos pelos cristãos e pelos muçulmanos, perante a população que habitava as cidades conquistadas e reconquistadas.

O principal marco do terror na Idade Média foi a Santa Inquisição, quando a Igreja Católica impunha seus dogmas ao mundo; várias pessoas foram condenados à morte sob a acusação de feitiçaria. Dentre os acusados e condenados; a mais famosa é Joana d’Arc.

---

<sup>5</sup> Estado Teocrático é uma nação que se submete ser governada com preceitos vindos de uma doutrina religiosa específica, suas regras, ações éticas e morais são vindas de doutrinas religiosas.

A conquista da América, no século XVI, foi marcada pelo genocídio dos povos indígenas pelo povo ibérico. Posteriormente, a transferência das riquezas da América para a Europa impulsionou o surgimento da pirataria (constituído por mercenários vindos de diversos países europeus), o que não se distingue dos terroristas atuais que conhecemos. Com o objetivo de saquear as colônias em busca de ouro e prata, eles destruíam vilas e cidades, cujos locais eram de embarque e desembarque da carga.

Em relação ao terrorismo contemporâneo, equívocos são cometidos quando tratam guerrilhas como uma ação terrorista. As guerrilhas surgiram durante as guerras napoleônicas, como instrumento de resistência ao domínio da França. Os ataques surpresa, cometidos contra o exército de Napoleão, que o fizeram recuar na Espanha, foram chamados de “pequenas guerras”, ou guerrilhas. Para combater esses ataques, os franceses aplicaram técnicas de terror, como tortura de pessoas acusadas de ajudar os guerrilheiros. (MAZETTO, [2003]).

A partir de então, no século XVIII, a palavra terror foi substituída pelo terrorismo, foi chamado agora de Terrorismo de Estado, devido aos acontecimentos vivenciados na Revolução Francesa. No século XIX, com o terrorismo dos anarquistas e niilistas, durante a Revolução Industrial, o termo reaparece. (BRANT, 2003 apud FRANCO, 2012).

O século XX foi marcado pelas Grandes Guerras (Primeira e Segunda Guerra Mundial) e teve inúmeros exemplos do terrorismo. Daí surgiu o que chamamos de terrorismo internacional.

O estopim da Primeira Guerra Mundial, que matou mais de dez milhões de pessoas, foi o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, pelo terrorista Gavrilo Princip, em Sarajevo do ano de 1914. O acontecimento histórico evidencia o poder e atuação das organizações terroristas, bem como o envolvimento do governo sérvio junto com a organização. O grupo terrorista “Mão Negra” foi o responsável pelo atentado e contou com o apoio do governo sérvio para concretizá-lo.

Em 1919, surgiu o grupo terrorista chamado Irish Republican Army, ou Exército Republicano Irlandês, conhecido mundialmente como IRA, na Irlanda. Foi criada por fundamentalistas católicos com o objetivo de lutar e se libertar da dominação britânica. Seus atos terroristas eram marcados pelas explosões de carros-bombas e bombas implantadas em estabelecimentos comerciais, matando muitos civis. A Irlanda era dividida por católicos, alguns membros do IRA, e

protestantes, que estavam contra os atos praticados por estes e a favor da dominação da Inglaterra.

Com relação à Segunda Guerra Mundial, podemos considerar o regime nazista e o regime fascista como exemplos de terror gerados sobre uma determinada população. Outro exemplo ocorrido neste conflito foi em 1944, com o bombardeio atômico sobre Hiroshima e Nagasaki, no Japão, como forma de acabar o conflito, uma vez que a continuação da mesma seria imprevisível, foi uma típica ação de terror.

Quando falamos em Guerra Fria, geralmente não associamos com terrorismo, pois, em geral a ausência de bombas atômicas não se relaciona com terrorismo, mas eles têm tudo a ver. Podemos descrever a Guerra Fria como um mundo bipolar, um sistema de equilíbrio entre dois Estados, EUA e URSS, baseado no terror, uma vez que a humanidade havia presenciado o poder da bomba atômica e o mundo não entraria, outra vez, em uma guerra mundial e aniquilar a espécie humana. Foi durante a Guerra Fria que nasceram muitos dos grupos terroristas.

O mais recente acontecimento que marcou a história dos Estados Unidos e do mundo, ocorrido em 11 de setembro de 2001, foram os ataques ao World Trade Center, como forma de simbolizar a destruição da economia americana. Os terroristas lançaram aviões ao Pentágono, simbolizando a aniquilamento do poder militar e a tentativa de destruição à Casa Branca, simbolizando a política do Estado. Este atentado foi promovido pelo grupo terrorista Al Qaeda a mando do líder Osama Bin Laden, o que desencadeou, em 2003, a chamada “Guerra ao Terror”, arquitetada pelos Estados Unidos da América.

A partir de então, o terrorismo ocupa espaço de grande relevância na agenda internacional.

### 3.2 CONCEITO DE TERRORISMO

Como vimos anteriormente, o terrorismo existe desde a criação das nações. Porém, obteve mais evidência a partir das Guerras Mundiais e da Guerra Fria– e foi rapidamente esquecido após o término desta, uma vez que a atenção se virou quase que imediatamente para o comércio internacional e cooperação entre os Estados. Todavia, o tema terrorismo e segurança internacional voltaram a ganhar espaço e

atenção nas agendas internacionais a partir dos atentados terroristas em 11 de setembro de 2001 e perduram até hoje nas agendas internacionais.

Até antes dos atentados às Torres Gêmeas, nos Estados Unidos, pouco se definia o que era o terrorismo; por conta disso, são poucas as definições e conceitos encontrados para descrevê-lo.

Muitos são os conceitos que explicam o terrorismo, e todos retratam de forma incompleta ou imprecisa. Neste sentido, recorreremos a Michaelis para definir o conceito de terrorismo como “sistema governamental que impõe, por meio de terror, os processos administrativos sem respeito aos direitos e às regalias dos cidadãos”, e também “regime de violência contra um indivíduo ou uma comunidade”. (TERRORISMO, 2010).

O terrorismo é escolhido por organizações e/ou pessoas para atingir seu objetivo político ou religioso. Consiste em atos de violência, com objetivo de atacar Estados ou pessoas para despertarem um sentimento de medo. Na prática, é uma forma de guerra sem haver regras específicas. Neste sentido, Saint-Pierre (2015) explica:

O terrorismo não tem como objetivo direto a tomada do poder, nem poderia tê-lo. Seu objetivo direto é a desestabilização do regime vigente por meio do terror induzido na população. Por isso, quanto mais irracional e aleatório seja seu acionar, mais eficiente será.

Se antes o tema que era pouco tratado perante a comunidade internacional e visto como um problema doméstico (como no caso, do IRA, na Irlanda do Norte), atualmente é muito mencionado nas reuniões internacionais e tido como um fenômeno transnacional. (MENDES, 2010). Violência física e/ou psicológica e alvos pré-selecionados ou aleatórios são algumas das formas que os grupos ou pessoas denominadas terroristas encontram para impor medo sobre Estados, pessoas ou governos.

A seguir, apresentaremos as classificações de terrorismo.

### **3.2.1 Tipos de terrorismo**

A classificação do terrorismo pode ser feita de várias formas; portanto, trataremos aqui os tipos relevantes para o nosso entendimento.

Classificamos o terrorismo em nacional, quando os atos terroristas acontecem dentro de um Estado, ou seja, os terroristas praticam o ato dentro de seu país de origem, tendo como alvo seus próprios compatriotas. (SAINT-PIERRE, 2015).

Entende-se por terrorismo internacional as ações terroristas que são realizadas por pessoas em um terceiro Estado, ou seja, não é seu Estado de origem. Pode envolver mais de dois Estados e essas ações visam abordar o âmbito político. Um exemplo claro desse tipo de terrorismo são os atentados do 11 de setembro. (WOLOSZYN, 2012 apud FRANCO, 2012, p. 19).

Propagar o medo perante uma população, sem pré-determinar qual seja, e gerar, assim, um sentimento de desespero e instabilidade, são aspectos do terrorismo indiscriminado ou aleatório. Neste sentido, Saint-Pierre (2015) discorre que:

Esse tipo de terrorismo procura deliberada e indiscriminadamente vitimar inocentes, em grande número e com a maior diferenciação social possível. O atentado terrorista ideal dessa tipologia é conseguir matar, num único ato, homens e mulheres, velhos, jovens e crianças, brancos e negros, militares, sacerdotes, pessoas comuns: não definir “grupo de risco” delimitado, qualquer um pode ser a próxima vítima. Não há atividade, idade, profissão, credo, “cor”, ideologia, posição política que esteja isento da possibilidade de ser o alvo do atentado.

Além disso, os atentados que utilizam este tipo de terrorismo escolhem lugares públicos para concretizarem o ato, em plena luz do dia, quando o fluxo de pessoas é maior, com o objetivo de fazer as vítimas tremarem de medo e desespero e gerar um sentimento de abandono desses por parte do Estado, que este nada pode fazer para garantir a segurança da vítima e todas as pessoas podem ser o terrorista, uma vez que neste tipo de terrorismo o alvo é aleatório e desconhece quem praticou o ato.

Por terrorismo sistemático ou discriminatório entende-se a ação sobre um alvo específico e pré-selecionado, pois, assim, obtém-se uma resposta do lado “amigo” ou “inimigo”. Este tipo de terrorismo pode ser discriminado quanto à etnia, religião, classe social, dentre outros, visando à chantagem ou total eliminação deste alvo em questão. (SAINT-PIERRE, 2015).

O terrorismo de Estado refere-se a atos generalizados de violência feitos pelo Estado e/ou governo sobre sua população, impondo um regime totalitário, autoritário ou ditatorial, o que faz com que fira os direitos básicos de sua população. A

exemplodeste tipo de terrorismo, podemos citar, a Segunda Guerra Mundial, com a ascensão do nazismo e também o que Saddam Hussein fez à população de curdos, como discorreremos anteriormente.

A respeito do terrorismo de Estado, Visacro (2009 apud FRANCO, 2012, p.19-20) o explica como:

Modelo de terror consagrado pelos jacobinos durante a Revolução Francesa de 1789, caracterizado pelo emprego ilegítimo da força coercitiva, aplicada por agências estatais de segurança, com o propósito de neutralizar ou erradicar a oposição política interna e assegurar a preservação do regime de governo vigente. Inequivocamente, o ditador soviético Joseph Stalin e todo o seu enorme aparato repressivo ainda são apontados como os maiores expoentes da história nessa modalidade de terror. Cabe observar que a perseguição aos opositores políticos no contexto do terrorismo de Estado, contudo, não se restringe aos limites do território nacional. Assim como Stalin, o líder líbio Muamar Kadafi, por exemplo, também vitimou inimigos de sua autocracia que se encontravam no exílio.

Com o descobrimento de novas tecnologias como a internet e a facilidade de se comunicar com qualquer pessoa, mesmo não estando perto ou no mesmo Estado, também surge um novo tipo de terrorismo no mundo, o terrorismo transnacional. A internet foi o fator decisivo para a constituição desse terrorismo, pois ela permite o empoderamento de organizações ou indivíduos, tirando o foco apenas do Estado e, por sua vez, traz a oportunidade para esses de aumentar seu leque de vítimas, além de neutralizar sua identidade. Neste sentido, Damphousse e Smith (1998 apud SEIXAS, 2008) discorre que:

O novo terrorismo é por vezes identificado com a privatização da guerra e da tecnologia da mesma: ele é o terrorismo transnacional que usa a internet como meio de comunicação e gestão das suas redes, assim como arma de combate.

Ao mesmo tempo, Seixas ensina que há teóricos que consideram o terrorismo como forma do fundamentalismo religioso. Assim, é preciso distinguir o terrorismo das décadas de 70 e 80, motivados por ideologias e nacionalismos, e o da década de 90, associado a grupos religiosos extremistas, destacando a Al Qaeda e a “política antiterrorista dos Estados Unidos”, “como se o mundo se restringisse a uma luta entre o fundamentalismo islâmico e suas vítimas norte americanas”. (NYE, JR., 2005 apud SEIXAS, 2008).

Além de empoderar organizações e indivíduos, o terrorismo transnacional baseia-se no fundamentalismo religioso para alcançar seus objetivos. Dando continuidade a este raciocínio, abaixo discorreremos acerca do terrorismo do Estado Islâmico, a fim de compreendermos mais detalhadamente o terrorismo transnacional e entender como o grupo terrorista consegue se promover mundialmente através da internet.

### 3.3 O TERRORISMO DO ESTADO ISLÂMICO

Como vimos anteriormente, o Estado Islâmico nasceu depois de uma série de acontecimentos ocorridos no Oriente Médio. O Ocidente, por sua vez, defende veementemente que a Guerra ao Terror e a todos os conflitos civis que ocorrem continuamente na Síria e no Iraque estão relacionados à eclosão do Estado Islâmico.

Porém,

Uma conclusão que podemos tirar imediatamente é que, desde o ataque do 11 de Setembro, o negócio do terrorismo islâmico tem se fortalecido, em vez de se enfraquecer – a ponto de ter se expandido para o terreno da criação de uma nação inteira –, simplesmente procurando manter-se atualizado com as coisas de um mundo em rápida transformação, no qual os instrumentos de propaganda e da tecnologia desempenham um papel de importância decisiva. (NAPOLEONI, 2015, p. 23).

O Estado Islâmico propaga o terror através da internet, manipulando-a para fazer com que os ocidentais sintam medo e desespero ao ver as “atrocidades” cometidas por eles. O grupo usa as redes sociais para propagar informações falsas e o mundo tende a acreditar nelas. A questão é que sempre houve guerras e sempre houve atos terroristas, mas devido ao poder da internet e a facilidade de se conectar a rede atualmente e o sensacionalismo midiático, tais atos, outrora desconhecidos pela população mundial, ganhem rapidamente milhares de acessos e gerem pânico à população.

Al-Baghdadi sabe que a internet é de grande importância, pois as pessoas diante de questões que desconhecem ou que são misteriosas e se sentem desconfortáveis e com medo e, assim, agem por impulso e irracionalmente. Partindo deste pressuposto, e analisando os instrumentos de comunicação e seus efeitos, o grupo investiu tempo nessas redes e divulgaram profecias aterrorizantes, com o

intuito de propagar o terror, pois sabem o papel da mídia nos tempos atuais em que jornalistas e leitores são sedentos por informações chocantes, não sendo, necessariamente, verídicas.

No final do ano de 2010, o EI estava quase se extinguindo; devido a este fato e tendo em mente o poder das redes sociais, alguns homens que sabem usar e manipular essa tecnologia começaram a lançar na rede de comunicações falsas informações sobre sua força extraordinária. Tal estratégia foi determinante para a conquista de sua meta, que era estabelecer seu território na Síria, uma vez que a organização encontrava-se à beira da extinção. Devido a este plano bem executado e bem sucedido, o grupo conseguiu recrutar mais seguidores além de recursos financeiros e execução de treinamento militar. (NAPOLEONI, 2015).

Ainda hoje, o EI propaga informações falsas pelo mundo a respeito de um exército extremamente poderoso e sua equipe de profissionais muito bem qualificados, o que inclui até alguns ocidentais, além de informações equivocadas, eles também se apegam a questão ideológica, o que atrai potenciais jihadistas, inclusive ocidentais.

Um exemplo foi o episódio em que a organização compartilhou o vídeo decapitando o jornalista norte-americano James Foley no Facebook e no Twitter e essas páginas da internet rapidamente o tiraram de circulação. Horas depois, a equipe responsável pela parte propagandística do grupo conseguiu recuperá-lo, através do intermédio de sites aliados no exterior.

Apesar de todos os atos praticados pelo EI, nenhum Estado ocidental, principalmente os Estados Unidos, não deu atenção a eles e, assim, ficaram inertes. A falta de atenção se repetiu no episódio em que o grupo criou um aplicativo especial para as pessoas que apoiam a causa estejam sempre conectados e atualizados sobre os feitos conquistados por eles, ou durante a Copa do Mundo em 2014, quando a organização utilizava-se de hashtags como #Brazil2014 para que as pessoas que entrassem para analisar o histórico da hashtag, pudessem ter acesso às propagandas – inclusive de um vídeo sobre jihadistas britânicos e australianos tentando persuadir os muçulmanos residentes no Ocidente, para que entrassem em seu grupo. Havia, portanto, total falta de interesse. (NAPOLEONI, 2015).

Cabe destacar aqui que tal desinteresse se dava mesmo com o aumento do fluxo de estrangeiros desembarcando no Oriente Médio, sendo confirmados por membros voluntários de organizações de ajuda humanitária durante o ano de 2014,



quando aconteciam os avanços do Estado Islâmico. Napoleoni (2015), que viajou para o Oriente Médio e vivenciou experiências tensas e os avanços do EI, voltou para o Ocidente, mas nenhum jornal quis publicar a sua matéria. Eles preferiam acreditar no que o grupo publicava nas redes sociais, como Facebook e Youtube, do que acreditar em uma mulher que arriscou a própria vida para poder trazer-nos relatos verídicos.

Além disso, o grupo ainda consegue privatizar o terrorismo. Para tanto, faz uso da guerra por procuração<sup>6</sup> e consegue tirar vantagens desta em benefício próprio, resultando, assim, em um sucesso absoluto. A chave deste sucesso é a velocidade com que a organização conseguiu privatizar o terrorismo. Assim, conseguiu independência financeira de seus patrocinadores, uma vez que enfrentou pouca ou nenhuma oposição quando explorou seu processo de transição econômica.

Com isso, os financiadores do grupo estão ficando cada vez mais impotentes, uma vez que o Estado Islâmico não tem um oponente à sua altura. Em meio a um cenário abarrotado de pequenas organizações, foi relativamente fácil para o grupo empreender sua guerra de conquista e tomar importantes regiões estratégicas (ricas em petróleo) no Leste da Síria, que estavam sob o poderio de grupos menores. (NAPOLEONI, 2015).

Outro aspecto chave para a independência financeira e estratégica do Estado Islâmico foram as alianças feitas por al-Baghdadi com tribos sunitas locais para explorarem os recursos. Trabalhando conjuntamente, extraíram e contrabandeavam o petróleo. Com estes atos, al-Baghdadi conseguiu neutralizar a população local, obtendo a aceitação por parte destes. Além disso, o líder do EI tratava a população local com respeito, como cidadãos, incorporando-os em suas atividades, obtendo assim, a aprovação por parte da mesma. Alianças sunitas fazem parte da estratégia do líder do EI para acelerar o processo de independência de seus patrocinadores.

A esse respeito:

A privatização do terrorismo proporciona ao EI instrumentos para garantir a lealdade de seus combatentes. Em outras palavras, al-Baghdadi buscou a independência financeira como forma de vacinar suas forças contra o vírus da corrupção. A corrupção tem sido a causa da ruína de muitas organizações armadas e de todos os governos árabes, sem exceção. E sabe-se muito bem que, na mesma proporção, o patrocínio de financistas

---

<sup>6</sup> É um conflito cujos Estados utilizam-se de terceiros, ou seja, intermediários para combaterem entre si.

de conflitos e de guerras fomenta a cultura do suborno. (NAPOLEONI, 2015, p. 57).

Além de propagar o terror pelas mídias sociais na internet, como vimos anteriormente, o EI também recruta jovens de todo o Oriente Médio através de um aplicativo bastante popular entre eles. O EI usa um aplicativo para smartphones e computadores intitulado Zello. Este aplicativo dispõe de uma plataforma onde os usuários podem se comunicar através de mensagem de áudio e o EI se aproveitou para usar deste meio para conseguir novos recrutas, principalmente jovens, pois esse aplicativo é mais popular entre eles. Neste sentido, Weiss e Hassan (2015, p. 160-161) discorrem que:

De acordo com Ahmed Ahmed, um jornalista sírio de Sahlal-Ghab, Hama, dois garotos do seu vilarejo aderiram ao EI após ouvirem sermões através do Zello. Mohammed, um garoto de quatorze anos que trabalhava no sul da Turquia, desapareceu ao cruzar a fronteira em Bab al-Hawa em outubro de 2014. Respondendo a um pedido de ajudado pai de Mohammed, Ahmed compôs um post no Facebook pedindo aos seus amigos e seguidores por qualquer informação sobre o garoto. Uma hora mais tarde, Ahmed nos disse, Mohammed ligou para os seus pais da fronteira do Iraque e disse: “Estou com os irmãos”.

O EI também usa de ferramentas offline para conseguir mais aliados à sua organização. Segundo Weiss e Hassan (2015, p. 161):

O EI também tem meios offline para fazer a lavagem cerebral da juventude. Em maio de 2014, o grupo sequestrou 153 alunos de uma escola entre as idades de treze e quatorze anos em Minbij enquanto eles viajavam de volta para sua cidade natal Kobane, após terem feito provas em Aleppo. O EI colocou os garotos em um campo de treinamento Sharia e os manteve reféns por meses, liberando-os no mês de setembro seguinte. De acordo com dois jornalistas de Hama próximos das famílias dos sequestrados, alguns dos garotos escolheram ficar e tornarem-se membros do EI mesmo após receberem a oportunidade de retornar para suas famílias.

Além de conseguir recrutar jovens para se juntar à causa, o EI também recruta mulheres para se casar com os militantes. O modo como o EI atrai mulheres ocidentais é o que veremos a seguir.

Segundo Brown, no mês de janeiro de 2015, duas mulheres foram indiciadas em Nova Iorque, acusadas de conspirar para usar uma “arma de destruição em massa”, alegando serem cidadãs do Estado Islâmico, apesar de nunca terem viajado para as cidades controladas pela organização. O motivo pelo qual não terem ido ao Oriente Médio era sua idade e que uma delas era casada. Isso não surpreende, uma

vez que o objetivo das mulheres ocidentais, ao irem para a Síria, é se casar com um combatente do Estado Islâmico. Assim, “O casamento com um combatente gera uma identidade forte, um senso de pertencimento a uma comunidade”. (Brown, 2015).

Essa escolha que as mulheres fazem acerca do Estado Islâmico é falsa. Por morarem em outro país, elas pouco sabem o que realmente acontece e nos fazem entender que elas rejeitam o liberalismo ocidental. Com isso, “são submetidas a uma escolha falsa: ou ficam com os direitos e o feminismo ou com a tradição e a fé”. Optar pelos dois é entendido, pela opinião pública, como irracional. (Brown, 2015).

Aproveitando-se deste fato, o Estado Islâmico questiona constantemente o status das mulheres ocidentais, enfatizando a batalha pela imagem do corpo feminino, a dupla jornada de trabalho: emprego e trabalho doméstico, a cultura do estupro, a pornografia, o racismo, etc. Porém isso não quer dizer que o EI é feminista; pelo contrário, “para eles as mulheres não são iguais aos homens e eles rejeitam o potencial do feminismo liberal do Ocidente”. Ainda complementa que as mulheres da organização terrorista possuem “pouca liberdade para viajar, trabalhar ou ter cargos públicos”, tendo permissão apenas para deixar de trabalhar em casa e lutar apenas se o inimigo estiver atacando e apenas os homens não serem o suficiente para proteger o país. (Brown, 2015).

Neste sentido, Brown (2015) discorre que:

As mulheres neste momento sabem que esse momento não chegou, o que mostra que a mensagem do 'Estado Islâmico' apela tanto para a esfera pessoal-privada das mulheres quanto a seu lado público-político. [...] Esses relatos sobre "noivas jihadistas" pintam um quadro de romantismo e esperança. [...] No Estado Islâmico, o casamento é apresentado como algo bem maior do que a mera união privada entre duas pessoas. [...] Desejos pessoais são combinados com ideias de um propósito maior. [...] Bin tNur, a mulher de um combatente islâmico originário da Grã-Bretanha escreveu no site Ask.fm em 2014: "as mulheres constroem os homens e os homens constroem a Umma (comunidade)".

Podemos observar que, para as mulheres ocidentais que vão para o Iraque ou para a Síria em busca do casamento, existe um propósito maior, pois elas creem que sua obrigação é serem mães fundadoras do Estado novo.

Outra ferramenta para recrutar ocidentais, não necessariamente mulheres, praticadas pelo Estado Islâmico é a que veremos em seguida, na reportagem do

jornal online BBC Brasil, de agosto de 2015, que se refere a um jovem que teve seu irmão recrutado pelo Estado Islâmico.

Um mês após seu irmão Arshad, que nunca havia mostrado sinais de interesse no conflito da Síria, desaparecer. Porém, seu irmão havia desaparecido e seu histórico de pesquisas na internet estavam repletos de conteúdos relacionados ao Estado Islâmico. Sajid foi contactado pelo seu irmão Arshad, dizendo que já estava na Síria, junto com outros jovens britânicos e tinha se juntado ao EI. Com isso, Sajid abriu uma conta falsa no Twitter, usando um nome árabe falso que ele havia pego de um programa de TV e começou a fazer buscas por mais informações sobre o grupo, além de seguir contas associadas a organização. (A TÁTICA..., 2015).

Imediatamente, ele começou a ser seguido por um "fã" dos extremistas. Trocaram algumas mensagens antes de Sajid sair da rede social para cuidar de sua lição de casa da escola. [...] Duas horas mais tarde, quando voltou ao Twitter, Sajid já acumulava 5 mil seguidores. Depois de mais alguns bate-papos, ele começou a ter contato mais regular com seis usuários. [...] Alguns estavam na Síria e outros se diziam adeptos do "EI" no Ocidente. Apesar de Sajid dizer que condenava as ações do irmão, seus interlocutores se mostravam extremamente compreensivos. [...] "Nenhum deles me pediu para ir para a Síria ou mesmo apoiar o 'EI'. Foi algo chocante, pois esperava que me pressionassem. Eu ainda não sei por que não me pediram apoio", contou Sajid à BBC, em uma conversa pela internet. (A TÁTICA..., 2015).

Neste sentido, observamos que essa experiência vivida pelo jovem Sajid é oposta àquelas praticadas pelo grupo com outras pessoas.

Ainda assim, Sajid foi exposto a muitas propagandas relacionadas à perseguição de sunitas pelas “forças de segurança no Iraque [...] e à vingança dos militantes do ‘EI’”, tanto por mensagens privadas quanto pelas redes abertas, o fazendo questionar-se se seu irmão estava certo ou errado sobre se juntar ao EI. “Para Sajid, pareceu que o argumento-chave dos contatos era a ideia de retribuição contra atrocidades cometidas contra sunitas”. (A TÁTICA..., 2015).

Acerca disso, no próximo capítulo discorreremos sobre a visão dos muçulmanos perante o Estado Islâmico e a perspectiva ocidental perante os muçulmanos para compreendermos a atual conjuntura na qual vivemos com a existência do EI, além da posição da Organização das Nações Unidas sobre o grupo extremista.

## 4 CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES, OCIDENTAL vs. ORIENTAL

Neste capítulo, usaremos como base duas obras extremamente importantes para entendermos o Oriente: *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, de Edward Said, e *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*, de Samuel Huntington. Também discorreremos a respeito da posição das Organizações Internacionais, citando especificamente a Organização das Nações Unidas, uma vez que essa é a organização em destaque frente a esse tipo de assunto, para buscar um método eficiente acerca da questão do terrorismo do Estado Islâmico.

### 4.1 O ESTADO ISLÂMICO NA PERSPECTIVA DOS MUÇULMANOS

Os muçulmanos, principalmente os sunitas, veem o EI como um novo Estado nacional, capaz de se reformular e “tirar” aquela região da miséria e de guerras. Não só os muçulmanos que residem no Oriente Médio, como também os que moram na Europa, por exemplo, se sentem atraídos pelas ações realizadas pelo grupo, uma vez que este passa a imagem de “bom”. (NAPOLEONI, 2015).

Said, em seu livro *Orientalismo*, propõe uma visão do Oriente e os orientais como sendo uma invenção do Ocidente, e como este não tem capacidade para saber o que é melhor para si, o que faz com que o Ocidente acabe por se envolver e decidir o que é melhor para eles. Discorre sobre duas perspectivas europeias, britânica e francesa, sobre o islã e os árabes.

Nesse sentido, Said começa explicando sobre o posicionamento do primeiro ministro britânico, Balfour, durante sua dissertação sobre o Egito, na Câmara dos Comuns, em 1910. Balfour se posiciona com os temas de Bacon: o saber e o poder. Para Balfour, o poder significa conhecer uma civilização “desde suas origens à sua plenitude e declínio”, e “o saber significa erguer-se acima do imediato, ir além de si mesmo, para o estranho e distante”. (SAID, 1990, p. 42-43). Neste sentido, Said (1990, p. 43) discorre que:

O conhecimento britânico do Egito, para Balfour, é o Egito, e o peso do conhecimento faz as questões como inferioridade e superioridade parecerem insignificantes. Em nenhum momento Balfour nega a superioridade britânica e a inferioridade egípcia; tem-nas por certas quando descreve as conseqüências do conhecimento.

Em suma, Balfour indiretamente diz que a Inglaterra está lá não só para o bem do Egito, mas também para o bem da Europa, e em nenhum momento ele deixa que os egípcios tomem suas próprias decisões e falem por si próprios. Durante seu discurso, compreendemos que, para a Inglaterra, o Egito é incapaz de se autogovernar. (SAID, 1990).

Além disso, para Balfour, “o Egito não era apenas mais uma colônia: era a legitimação do imperialismo ocidental”. Também diz que seu antecessor, Cromer, foi o responsável por fazer o Egito e, somente com a ajuda dele, o Egito conseguiu sua ascensão dentre os Estados orientais. Consequentemente, todas as conquistas do Egito, devem-se aos britânicos, uma vez que Balfour explica que “há ocidentais e há orientais. Os primeiros dominam; os segundos dever ser dominados”. (SAID, 1990, p. 45-46). A seguir, Said (1990, p. 46) discorre sobre as diferenças entre o conceito de oriental para Balfour e para Cromer:

Diferentemente de Balfour, cujas teses sobre os orientais tinham pretensões a uma universalidade objetiva. Cromer falava sobre os orientais especificamente como aquilo que ele tivera de governar, ou como o que tivera de tratar, primeiro na Índia, depois por 25 anos no Egito, durante os quais ele surgiu como o supremo cônsul-geral do império da Inglaterra. Os “orientais” de Balfour são as “raças submetidas” de Cromer. [...] Mais uma vez, o conhecimento das raças submetidas ou orientais é o que torna a administração delas fácil e proveitosa; o conhecimento confere poder, mais poder requer mais conhecimento, e assim por diante em uma dialética crescentemente lucrativa de informação e controle.

Nesse sentido, Cromer acredita que o Império não se dissolverá, devido aos seus poderes militares e comerciais. Também acredita que, para construir uma ligação entre dominadores e dominados, o Império deve ser sábio, mesclando seus interesses junto com o que julgam ser melhor para os egípcios, uma vez que eles não tinham noção do que é bom ou ruim para eles mesmos. (SAID, 1990).

A esse respeito:

Uma das coisas convenientes sobre os orientais, para Cromer, era que administrá-los, embora as circunstâncias pudessem variar um pouco aqui e ali, era quase a mesma coisa em quase toda a parte. Isso acontecia porque, é claro, os orientais eram em quase todos os lugares quase os mesmos. (SAID, 1990, p. 48).

Após seu efetivo conhecimento sobre o oriental, Cromer conclui que os orientais são desprovidos de inteligência lógica e, por outro lado, os ocidentais

possuem essa inteligência mesmo sem nunca ter estudado. Ele assemelha os orientais como animais irracionais e que, para ele, os mesmos não passavam de “materiais humanos que ele governou nas colônias britânicas”. (SAID, 1990, p. 48-49).

Podemos citar também a denominação de Leste e Oeste, que Balfour e Cromer tanto aceitavam, era nada mais do que “um relacionamento entre um parceiro forte e um fraco”. Outros termos, como por exemplo, o oriental é irracional e diferente e o ocidental é normal e maduro também são usados por ambos para diferenciar o oriental do ocidental. E em cada um desses termos, o oriental é sempre “contido e representado por estruturas dominantes”. (SAID, 1990, p. 50-51).

Nos séculos XIX e XX, os maiores impérios eram os britânicos e os franceses e, conseqüentemente, esses eram aliados em algumas questões e rivais em outras. A se falar de exercer domínio no Oriente Médio, ambos os impérios compartilhavam as terras, os lucros, os domínios e também, os estudos sobre o oriental, em que Said (1990, p. 52) chama de orientalismo. Ao longo da História, as ideias sobre o Orientalismo foram modificadas e houve um processo de modernização. Com isso, podemos falar que “o orientalismo foi submetido ao imperialismo, ao positivismo, ao utopismo, ao historicismo, ao darwinismo, ao racismo, ao freudismo, ao marxismo, ao spenglerismo”. E também possuiu alguns paradigmas. Também houve uma crescente sociedade estudando o orientalismo e com isso, os meios de disseminar o mesmo. Porém pouco foi disseminado, uma vez que “o orientalismo impôs seus limites sobre o pensamento a respeito do Oriente”. (SAID, 1990, p. 52-54).

A respeito de como o orientalismo funciona, Said (1990, p. 55-56) destaca que:

Tão profundamente forjado quanto essa monstruosa cadeia de comando, tão fortemente manejado quanto o “funcionamento harmônico” de Cromer, o orientalismo pode também expressar a força do Ocidente e a fraqueza do Oriente – tal como é vista pelo Ocidente. Essa força e essa fraqueza são tão intrínsecas ao orientalismo quanto a qualquer visão que divida o mundo em grandes partes gerais, entidades que coexistam em um estado de tensão produzido pelo que se acredita ser uma diferença radical.

Acerca do que Said discorre ao longo do primeiro capítulo, ele tece uma crítica em relação aos termos empregados para diferenciar o Oriente do Ocidente. Diz que essa busca desesperada que vários autores têm de denominar um lado dominante e o outro, dominado, de diferenciar um lado culto, de um lado desprovido

de inteligência, é o “apogeu do orientalismo”. Não se deve diferenciar o Ocidente como sendo liberal, racional, enquanto que o Oriente não é nada disso. (SAID, 1990).

Retomando o significado de orientalismo, em seu terceiro capítulo, Said explica que, para ele, o orientalismo ou estudos sociais sobre o Oriente, é uma junção da cultura, arte e política. Por conseguinte, destaca:

O Oriente que aparece no orientalismo, portanto, é um sistema de representações enquadrado por todo um conjunto de forças que introduziram o Oriente na cultura ocidental, na consciência ocidental e, mais tarde, no império ocidental. Se esta definição do orientalismo parece mais política que outra coisa, isso acontece apenas porque acredito que o próprio orientalismo foi um produto de certas forças e atividades políticas. O orientalismo é uma escola de interpretação cujo material, por acaso, é o Oriente, suas civilizações, seus povos e suas localidades. (SAID, 1990, p. 209).

Enfatizando aqui o significado político, pois em sua obra, Said afirma que “o orientalismo é fundamentalmente uma doutrina política imposta ao Oriente porque este era mais fraco que o Ocidente”. (SAID, 1990, p. 210).

Com isso, percebemos que as mídias de todo o mundo corroboram para as investidas norte-americanas no Afeganistão e no Iraque, por exemplo, como se o orientalismo estivesse justificando tais atrocidades praticadas pelos Estados Unidos, numa tentativa de conter os árabes e islamitas, uma vez que essa sociedade não sabe o que é melhor para si.

Por conseguinte, Said não faz somente uma crítica ao Orientalismo como também propõe que nós comecemos a nos conhecer melhor, como Ocidente.

## 4.2 OS MUÇULMANOS NA PERSPECTIVA DO OCIDENTE

Em um primeiro momento, discorreremos apenas sobre a visão ocidental sobre as demais civilizações presentes no planeta. Para compreendermos a visão ocidental sobre o Oriente e mais especificamente, sobre o Islã, nos embasaremos na obra de Samuel P. Huntington, em “O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial”. Partindo do pressuposto de que os muçulmanos são responsáveis pela maior parte dos conflitos entre muçulmanos e outras civilizações, na década de 90, Huntington tece uma crítica a eles.



Os Estados Unidos afirmam que o Ocidente não tem problemas com o Islã; porém como podemos estudar através da História, vemos que essa informação é um tanto quanto equivocada. As relações entre Islamismo e Cristianismo, e todas as suas vertentes, vivem em constantes conflitos.

Até meados do século VII até VIII, o Islamismo expandiu seus domínios para o Norte da África e Oriente Médio, entre outros países como Pérsia e Ibéria e uma parte da Índia. Até o século XI houve uma estabilidade nas relações e a partir daí o Cristianismo foi ganhando força e expandindo assim, suas conquistas, a começar pela conquista da Sicília. Tempos depois, houve as chamadas Cruzadas, com o objetivo de “estabelecer a autoridade cristã na Terra Santa” e nas proximidades do Oriente Médio. Em 1291, surgiram os otomanos e turcos, ao mesmo passo em que enfraqueciam o Bizâncio, eles iam conquistando Balcãs e o Norte da África. Em 1453, capturaram Constantinopla e em 1529, sitiaram Viena e durante todo este tempo a Europa esteve sob constante ameaça do Islã. A esse respeito, “o Islã é a única civilização que pôs em dúvida a sobrevivência do Ocidente”. (HUNTINGTON, 1997, p. 262-263).

No início do século XV, o Cristianismo, aos poucos, foi invertendo a situação. Neste sentido, Huntington (1997, p. 263) discorre:

No decurso de aproximadamente um século, “o flagelo da Cristandade” foi transformado no “velho doente da Europa”. Ao se concluir a I Guerra Mundial, a Grã-Bretanha, a França e a Itália lhe aplicaram o golpe de misericórdia e impuseram seu domínio, direto ou indireto, por todo o resto das terras otomanas, com exceção do território da República Turca. Por volta de 1920, apenas quatro países muçulmanos – Turquia, Arábia Saudita, Irã e Afeganistão – continuavam independentes de alguma forma de domínio não-muçulmano.

Ao longo do século XIX, posteriormente o período da Segunda Guerra Mundial, o Cristianismo aumentou de forma considerável. Com o fim da Guerra Fria, com a decaída da União Soviética, várias sociedades muçulmanas conseguiram sua independência. Podemos perceber que, durante esses séculos que se sucedia, a maior parte das guerras praticadas foi por interesses relacionados à religião, especificamente entre o Cristianismo e o Islamismo.

As causas desses conflitos são devido às diferenças de natureza e civilizações de cada uma delas, e devido às suas diferenças entre si, uma vez que no Islamismo, seu estilo de vida transcende e uni a política e religião. Por outro lado,

no Cristianismo ocidental, acredita-se que tem que haver uma separação de política e religião. Também são causadas pelas suas similaridades, ambas são monoteístas, portanto existe dificuldade para aceitar a crença de outros; e ambas as religiões são universalistas, ou seja, afirmam que são únicas e verdadeiras e que o mundo todo as devia seguir. Além disso, ambas são também missionárias, de forma que seus seguidores têm como missão converter aqueles que não são convertidos. É possível percebermos então que, desde suas origens, “o Islamismo se expandiu pela conquista e, quando surgiram oportunidades, o mesmo se deu com o Cristianismo”. (HUNTINGTON, 1997, p. 264).

Em suma, o nível dos conflitos entre as religiões mencionadas anteriormente, variou-se ao longo dos tempos e foi influenciado por diversos fatores, tais como desenvolvimento da economia, mudança de tecnologias, crescimento e declínio demográfico e dedicação religiosa.

Já no período chamado pós Guerra Fria, o motivo de permanecer em conflitos, foi marcado pelas questões de poder e cultura. Nas décadas de 1980 e 1990, percebendo uma ameaça do mundo Ocidental, o Islã adotou uma postura antiocidental, “consequência natural do Ressurgimento Islâmico”, repudiando assim, Europa e Estados Unidos, qualquer aspecto que fosse influenciável na política, sociedade e moralidade. Neste sentido, Huntington (1997, p. 267-268) enfatiza que:

Os muçulmanos receiam e detestam o poderio ocidental e a ameaça que ele representa para sua sociedade e suas crenças. Eles vêem a cultura ocidental como materialista, corrupta, decadente e imoral. Eles também a vêem como sedutora e, em consequência, acentuam ainda mais a necessidade de resistir ao seu impacto sobre seu estilo de vida. Os muçulmanos cada vez mais atacam os ocidentais não por professarem uma religião imperfeita e errônea, que é, não obstante, uma “religião do Livro”, mas por não professarem nenhuma religião em absoluto. Aos olhos muçulmanos, o secularismo, a irreligiosidade e, portanto, a imoralidade ocidentais são males piores do que o Cristianismo ocidental, que os produziu. Na Guerra Fria, o Ocidente rotulou seu adversário de “comunismo ateu”; no conflito de civilizações pós-Guerra Fria, os muçulmanos vêem seu adversário como “o Ocidente ateu”.

Simultaneamente a isso, o Ocidente via uma crescente “ameaça islâmica”. Para a Europa e os Estados Unidos, tanto para a população em geral quanto para os líderes, o Islã é uma “fonte de proliferação nuclear, terrorismo” e após anos de pesquisa nesses Estados, essas informações apontaram que havia uma

preocupação por parte de todos para com os Estados do Oriente Médio. (HUNTINGTON, 1997, p. 270).

Devido a essa informação, houve uma mobilização por parte de alguns Estados membros da OTAN. Surgindo assim, o planejamento de colaborações militares por parte desses Estados para conter os extremistas islâmicos.

Diante destas visões que o Oriente e o Ocidente possui um sobre o outro, uma quase-guerra foi travada, e Huntington (1997) a explica por meio de três princípios: primeiro, não é todo o Islã que luta contra o Ocidente e nem é todo o Ocidente que luta contra o Islã. Segundo, o conflito foi travado com limitações, terrorismo e poder aéreo de um lado e, do outro, sanções econômicas e ações clandestinas. Por último, é quase uma guerra porque mesmo com a presença da violência, esta não foi contínua. Muito embora seja uma quase guerra, os lados a classificam como uma guerra propriamente dita.

Em síntese, Huntington (1997) afirma que o problema do Ocidente é o Islã, por este ser uma civilização diferente, onde seus seguidores acreditam em sua superioridade cultural, ao passo que o problema do Islã é o Ocidente, por ser uma civilização completamente diferente da sua, onde as pessoas acreditam na universalidade de sua cultura, além de seu poder militar.

Huntington (1997) também explica sucintamente o que são as Guerras de Linha de Fratura, e aqui podemos dizer que o Estado Islâmico pode se encaixar nessa guerra de certa forma, pois coloca seus objetivos próprios como os objetivos de todos os islamitas. Então, com relação às Guerras de Linha de Fratura, estas são mais demoradas do que outras guerras, uma vez que o conflito pode parar e recomeçar.

Estas guerras possuem um ciclo e quase nunca encontram uma solução. Uma Guerra de Linha de Fratura pode ocorrer, num primeiro momento, como sendo de múltiplas identidades, mas na medida em que o conflito vai se estendendo, os laços vão se estreitando e as pessoas passam a entender e se identificar como sendo “nós” e “eles”. Com isso, a civilização se reforça perante outras identidades, surgindo assim a “dinâmica de ódio”, que nada mais é do que os “temores e ódios recíprocos”. (HUNTINGTON, 1997).

Huntington (1997, p. 340) afirma ainda que, predominantemente, as identidades são definidas pela religião. “A religião proporciona a justificativa mais

tranquilizadora e revigorante para a luta contra as forças ‘sem deus’, que são vistas como ameaçadoras”.

Em suma, o autoreplica que as Guerras de Linha de Fratura são entre grupos locais de uma determinada região, porém esses grupos possuem conexões maiores. As causas desses conflitos pode ter surgido através de divergências entre tribos ou famílias. Destaca também que “o fortalecimento de identidades civilizacionais ocorreu entre participantes de Guerras de Linha de Fratura de outras civilizações, mas aconteceu com especial intensidade entre muçulmanos”. (HUNTINGTON, 1997, p. 340).

E ainda segue dando alguns exemplos de como os muçulmanos que estão dentro de tais conflitos se identificam como sendo o Islã como um todo, destacando a questão dos muçulmanos na Bósnia.

Ao longo dos tempos, os muçulmanos conviviam pacificamente com sérvios e croatas e as relações maritais eram comum entre eles. Porém, na medida em que a “identidade iugoslava” se perdeu, as divergências religiosas começaram a ganhar força e isso levou ao início dos conflitos entre esses povos. Com relação aos sérvios e croatas, estes se tornaram mais nacionalistas e se identificaram com o Ocidente católico.

Por outro lado, também houve mudanças relacionadas aos muçulmanos, tornando-os assim, mais nacionalistas. Por conta desse nacionalismo, em 1990, nas eleições da Bósnia, alguns dos muçulmanos que votaram em um partido muçulmano acabaram sendo presos pelo governo. O governo usou como justificativa para prender os muçulmanos o fato de que os islamitas não são compatíveis com outros sistemas que sejam diferentes deles. Com as eleições ganhas pelo Partido Muçulmano de Ação Democrática (SDA), tendo como líder Izetbegovic, aos poucos, a Bósnia foi tendo mudanças e ficando cada vez mais “islamicizadas”, introduzindo nas escolas, cada vez mais palavras árabes e turcas. Com isso, as outras civilizações que lá habitavam foram perdendo sua voz e enfrentando diversas dificuldades como falta de emprego. (HUNTINGTON, 1997).

Em todos os conflitos, as civilizações assumem cada qual, suas identidades e também definem quem são seus inimigos. E foi justamente isso que ocorreu na Bósnia. As partes envolvidas nos conflitos definiram este como “Guerras Religiosas”. Assim, as partes justificam suas atitudes erradas (como matar pessoas, estuprar, usar violência para isso, entre outros), pois consideram o outro como uma civilização

inferior. Neste sentido Huntington (1997, p. 345) discorre que “a percepção das guerras de linha de fratura como choques civilizacionais”.

Por fim, Huntington (1997) conclui que, muito embora os muçulmanos estejam na maioria dos conflitos ocorridos na década de 1990. Ainda diz que as civilizações não-ocidentais estão ganhando força na questão cultural e, com isso, os Estados Unidos não estão conseguindo lidar com isso. Para tal, é preciso deixar as desavenças com outros Estados como a Rússia, por exemplo, e procurar se alinhar com a mesma, para tentar brevar os conflitos dos Estados Unidos com as civilizações do Oriente Médio. Neste sentido, o autor (1997, p. 393) explica que, “de modo geral, o governo norte-americano vem tendo extraordinária dificuldade para se adaptar a uma era na qual a política mundial é moldada pelas marés e culturas civilizacionais”.

Além disso, com essa força da diversidade civilizacional e cultural, estas afrontam contra a cultura ocidental, mais especificamente, da cultura norte-americana intitulada como sendo “universal”.

Devido à crescente expansão das culturas asiáticas e, em especial, da cultura muçulmana e decadência da hegemonia norte-americana, fica inviável e difícil para eles impor sua hegemonia aos povos não-ocidentais.

Com isso, Huntington (1997, p. 396) explica que “todas as civilizações passam por processos análogos de surgimento, ascensão e declínio”. Também complementa discorrendo a respeito do Ocidente e o porquê este se difere das demais civilizações: que é devido aos seus “valores e instituições” que o torna único, e a tarefa que os líderes ocidentais estão encarregados de fazer é proteger e preservar a civilização ocidental.

Para preservar, é necessário os Estados Unidos agirem em conjunto com a Europa empregando alguns pontos:

Conseguir maior integração política, econômica e militar e coordenar suas políticas de modo a impedir que Estados de outras civilizações explorem as diferenças entre eles; [...] estimular a “ocidentalização” da América Latina e, no máximo que for possível, um estreito alinhamento dos países latino-americanos com o Ocidente; restringir o desenvolvimento do poder militar convencional e não-convencional dos países islâmicos e sínicos; [...] aceitar a Rússia como [...] uma grande potência regional, com legítimos interesses de segurança em suas fronteiras meridionais; manter a superioridade tecnológica e militar ocidental sobre as outras civilizações; e, o que é mais importante, reconhecer que a intervenção ocidental nos assuntos de outras civilizações provavelmente constitui a mais perigosa fonte de instabilidade e

de um possível conflito global num mundo multicivilizacional". (HUNTINGTON, 1997, p. 397).

Neste sentido, o autor explica que para haver um mundo de paz entre as civilizações e não haver uma guerra civilizacional, um Estado não deve intervir em conflitos de dois Estados diferentes, o que para os Estados Unidos, em particular, deve ser uma de suas maiores dificuldades. Para tanto, deve-se seguir duas regras básicas: regra de abstenção, explicada anteriormente, e a regra da mediação conjunta, na qual os Estados negociam entre si para conter ou cessar guerras de linha de fratura entre Estados ou grupos de suas civilizações. (HUNTINGTON, 1997).

Finalmente o teórico discorre também sobre as Organizações Internacionais, mais especificamente da Organização das Nações Unidas (ONU) e seu Conselho de Segurança e o poder ocidental sobre elas estabelecido:

À medida que o poderio ocidental se reduzir em relação ao de outras civilizações, se desenvolverão pressões para a reformulação dessas instituições a fim de que atendam também os interesses dessas civilizações. A questão mais óbvia, mais importante e provavelmente mais controvertida se refere à posição de membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Essa posição pertence às principais potências vitoriosas na II Guerra Mundial e guarda cada vez menos relação com a realidade do poder no mundo. A mais longo prazo, ou se introduzem modificações na participação atual ou outros procedimentos menos formais provavelmente se desenvolverão para lidar com questões de segurança [...]. (HUNTINGTON, 1997, p. 404).

Ainda, complementa dizendo que o ideal seria todos os Estados membros permanentes serem representados pelas sete civilizações, para haver uma distribuição plena de pessoas e poder no mundo. (HUNTINGTON, 1997).

Como podemos observar, Huntington aponta para os muçulmanos como sendo os grandes "vilões" dos conflitos existentes ao longo dos anos. Também aponta que os EUA têm que agir em conjunto com a Rússia, deixando as desavenças de lado, para combaterem a "ameaça islâmica". Neste sentido, Huntington também discorre a respeito do Conselho de Segurança da ONU, uma vez que as civilizações não-ocidentais estão criando, cada vez mais, forças, estes também se posicionarão a fim de obterem um acento no Conselho. A esse respeito, a seguir, discorreremos sobre o papel da Organização das Nações Unidas perante a questão do Estado Islâmico.

### 4.3 A POSIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

Muito se fala da posição das Organizações Internacionais frente a esse e tantos outros assuntos, entretanto, pouco é feito pelas OI mediante ao problema. A Organização das Nações Unidas, tendo um grande papel no cenário internacional e sendo bastante respeitada por todos os Estados, mantém uma posição defensiva perante a questão do Estado Islâmico, dando liberdade para os países tomarem decisões por si próprios sobre como tratar da organização terrorista.

O combate ao terrorismo, por meio da Organização das Nações Unidas é relativamente recente. Pois, só após os atentados do 11 de setembro de 2001, nos EUA seguido por vários outros atentados terroristas, em países europeus, ao longo da década de 2000, é que se obteve novas posições acerca do tema, pela ONU. A esse respeito, foram elaborados alguns acordos, no qual se totalizam quatorze que se trata do terrorismo. Os Estados-membros, por meio da Assembleia Geral, estão empregando estratégias para o combate do mesmo, além disso, o Conselho de Segurança, também participa, de maneira ativa numa tentativa de colocar um fim do terrorismo. Neste sentido:

Atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, num grupo de pessoas ou em indivíduos para fins políticos são injustificáveis em qualquer circunstância, independentemente das considerações de ordem política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou de qualquer outra natureza que possam ser invocadas para justificá-los. (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2014).

Contudo, desde a ascensão do Estado Islâmico, a ONU se pronunciou, mas pouco fez. No ano de 2015, a Organização veio a ser mais ativa.

Em março, a ONU destaca que o Estado Islâmico pode ter cometido genocídio no Iraque:

O documento relata as atrocidades cometidas pelo EI no Iraque - assassinatos, torturas, estupros - e conclui que o grupo jihadista pode "ter cometido os três crimes internacionais mais graves: crimes de guerra, crimes contra a humanidade e genocídio", afirma um comunicado do Escritório da ONU para os Direitos Humanos. [...] O documento foi elaborado por investigadores enviados à região pelo Alto Comissariado e tem como base os testemunhos de mais de 100 pessoas. O órgão pediu ao Conselho de Segurança das Nações Unidas que encaminhe o caso ao Tribunal Penal Internacional (TPI) para a denúncia dos criminosos. (ONU..., 2015a).

Em maio deste ano, a ONU, em seu site, publicou uma reportagem dizendo que os ataques violentos do Estado Islâmico provocaram um deslocamento de 25 mil pessoas no Iraque. Na reportagem, constatamos que a ONU está dando assistência humanitária aos refugiados:

Em resposta a pedidos urgentes das autoridades iraquianas, o Programa Mundial de Alimentos (PMA), o Fundo para Infância da ONU (UNICEF), a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Escritório do Alto Comissário da ONU para os Refugiados (ACNUR) têm distribuído alimentos e milhares de rações de resposta imediata em várias cidades, onde as pessoas deslocadas internamente estão se concentrando por segurança.(NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2015).

A respeito desse cenário, a coordenadora humanitária da ONU que está no Iraque, disse que seria possível fazer mais se eles tivessem financiamento, pois apesar da assistência deles, algumas pessoas ainda tem que dormir “ao relento, porque não têm abrigo”.

Já em agosto, em um novo relatório publicado pela ONU, a organização acusa o grupo Estado Islâmico de crimes de guerra na Síria. “Os investigadores das Nações Unidas dizem que execuções públicas são um ‘espetáculo comum’”. (ONU..., 2014).

Além disso, os investigadores do relatório da ONU também disseram que o EI estava fazendo uma “campanha do medo” em uma região da Síria, amputando, chicoteado e até mesmo executando pessoas publicamente, além de exporem os corpos por vários dias, com o objetivo de aterrorizar a população local. As mulheres, por não se vestirem adequadamente (de acordo com o código de vestuário do EI), acabam sendo amarradas e, as crianças, a partir dos 10 anos, acabam sendo recrutadas e treinadas pelo Estado Islâmico. A esse respeito:

A comunidade internacional falhou em seus "deveres mais elementares – de proteger os civis, conter e prevenir atrocidades e criar um caminho para a prestação de contas". [...] Uma das investigadoras, Carla del Ponte – antiga chefe dos promotores de dois tribunais de crimes de guerra das Nações Unidas – pediu para potências internacionais colocarem a Síria no Tribunal Penal Internacional. (ONU..., 2014).

Em setembro deste ano, o presidente da Rússia, Putin, solicitou à ONU, durante a Assembleia Geral, para que houvesse uma coalizão contra o EI.(ONU..., 2015b).



Recentemente, em 20 de novembro de 2015, a ONU faz mais um pronunciamento. Dessa vez, a organização autoriza “todas as medidas” contra o Estado Islâmico, para os países que tenham capacidade. (ONU..., 2015c):

A resolução, aprovada por unanimidade, foi apresentada pela França em resposta aos atentados do passado dia 13 em Paris, que provocaram pelo menos 130 mortos.

O texto propõe “aumentar e coordenar” a luta antiterrorista e manifesta a intenção de reforçar as sanções contra cidadãos e entidades relacionados com o grupo extremista Estado Islâmico. E também contra o grupo Front el-Nosra e todos os grupos, empresas e entidades ligadas à Al Qaeda. (ONU..., 2015).

Além disso, no documento contem uma solicitação, pedindo para que haja um esforço para conter os combatentes que vão para o Oriente Médio.

O chefe diplomata francês, Laurent Fabius, se referiu à mostra de vontade por parte dos Estados de lutar contra o grupo terrorista Estado Islâmico, além de saudar a resolução. “Seja por meio de ações militares ou na busca de soluções políticas ou na batalha contra o financiamento do terrorismo”, disse o ministro francês. Ainda assim, a resolução não possui base legal para as ações militares e não consegue invocar o capítulo VII da Carta da ONU, que libera o uso da força, porém dá suporte político internacional para a empreitada contra o EI, que aumentou desde os ataques à Paris e que provocaram a morte de cerca de 130 pessoas. (ONU..., 2015).

Ainda, a resolução recorre aos Estados-membros da ONU que possuem capacidade para agir, de acordo com as necessidades e com o direito internacional, dentro do território no qual o EI exerce controle. Também, a resolução descreve o Estado Islâmico como uma ameaça internacional da paz e da segurança dos Estados que, além de recorrer a sanções, também persuadi os Estados a intensificarem os esforços para o controle do fluxo de combatentes estrangeiros, com destino ao Iraque ou à Síria. (ONU..., 2015).

Dedicaremos aqui um breve parágrafo acerca da situação de Paris, por ser de total relevância ao trabalho. No último dia 13 de novembro, ocorreram atentados simultâneos por toda Paris. Dentro de um show, num jogo de futebol e até em um restaurante. E o autor desse atentado foi o grupo extremista Estado Islâmico, sendo confessado por esse. Por isso houve essa reação da França no Conselho de Segurança da ONU.

Dentre o que compõe a resolução, mencionada anteriormente, a resolução ainda condena de todas as formas os ataques terroristas em Paris e em Beirute, mencionando também a violência na Tunísia, Turquia e Egito: “A França apresentou a resolução ao Conselho de Segurança da ONU e a votação ocorreu exatamente uma semana depois dos ataques de Paris, reivindicados pelo grupo extremista Estado Islâmico”. (ONU..., 2015).

Após uma síntese envolvendo os temas presentes no capítulo, a seguir, daremos uma finalização ao trabalho, levando em consideração os últimos acontecimentos do EI praticados em Paris e, ao mesmo tempo, articulando com os outros capítulos estudados ao longo do trabalho.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão apontada neste trabalho trata do Estado Islâmico e a ameaça que este grupo tem surtido no cenário internacional.

Assim, primeiramente, discorreremos acerca das origens do grupo, uma vez que nas mídias não obtemos informações completas sobre. Assim, apontamos as principais religiões monoteístas que temos atualmente, cada uma com sua intensidade. Focamos no Islamismo e nas crenças religiosas que derivam desse, uma vez que esta informação é crucial para o entendimento completo sobre a organização extremista Estado Islâmico, analisando rapidamente, ainda, os termos xiitas, sunitas e jihad.

No terceiro capítulo discorreremos acerca da composição histórica do terrorismo, desde quando este surgiu, nos primórdios da nossa sociedade. Analisando também, o conceito de terrorismo e em com nós identificamos cada tipo do mesmo.

Além disso, também analisamos rapidamente o fato de a Guerra ao Terror, em 2003, praticada pelos EUA no Oriente Médio, após os atentados do 11 de setembro, ter sido uma das causas da ascensão do Estado Islâmico como vemos atualmente. Discorreremos também esse novo tipo de terrorismo do grupo extremista EI, muito pautado na internet, além de tratarmos das ferramentas que a organização se utiliza para recrutar ocidentais, sejam eles homens e mulheres e, em alguns casos, como pudemos ler ao longo do trabalho, até de crianças, além das crianças que vivem no Oriente Médio.

Analisamos, em seguida, a perspectiva de Edward Said, em sua obra o Orientalismo, que nos mostra o Oriente como uma perspectiva ocidental. Como se o Oriente fosse criado imaginativamente pelo Ocidente. Além disso, contrapomos essa perspectiva com o que Samuel Huntington, em O Choque de Civilizações, descreve. Huntington acredita que os muçulmanos são culpados e inferiores, além de apontar que, na década de 90, a maior parte dos conflitos que ocorreram no mundo, em mais da metade, os muçulmanos estavam envolvidos.

No último capítulo, analisamos a posição da Organização das Nações Unidas frente ao terrorismo e, em particular, ao grupo extremista Estado Islâmico. Ao longo de 2015, observamos a evolução e posição da ONU frente à organização Estado Islâmico. No primeiro semestre deste ano, observamos a organização internacional

apenas acusar o grupo de ter cometido uma série de crimes. Já no final deste ano, especificamente em novembro, devido a uma resolução proposta pela França, após os ataques do Estado Islâmico em Paris, a ONU efetivamente autorizou o uso de medidas, por todos os países que possuem capacidade, de tomar medidas contra o Estado Islâmico.

Assim, finalizamos o trabalho. Porém, ainda há muito o que ser estudado e ser praticado. O Estado Islâmico está ganhando muita força, ao decorrer dos dias. Continua recrutando homens para servir ao combate e mulheres para serem esposas dos combatentes. Como vimos na História, toda a ação praticada por um Estado isolado para conter algum conflito, não surtiu efeito, pois assim como ao final da Primeira Guerra Mundial, com a Alemanha sendo “massacrada” pelos Estados vencedores, veio a Segunda Guerra Mundial, trazendo consigo o sentimento de humilhação vivenciado pela derrota da Alemanha, originando o nazismo de Hitler.

Também com as investidas no Oriente Médio, há mais de décadas, por parte dos Estados Unidos, o que era um conflito interno entre duas correntes religiosas do Islamismo, os sunitas e os xiitas, acabou por virar um conflito com dimensões gigantescas e o surgimento de vários grupos terroristas. O que era apenas um grupo terrorista regional tornou-se no que conhecemos como Al-Qaeda, nos atentados ao 11 de setembro.

Com isso, o governo norte-americano, com a justificativa de guerra preventiva, foi ao Oriente Médio em busca da Guerra ao Terror, originando no pior grupo extremista, terrorista que conhecemos nos tempos atuais: o Estado Islâmico.

Devido aos fatos ocorridos na História, observamos a falência e ineficácia de Estados intervirem em conflitos regionais, pois a dimensão do mesmo acaba por se tornar tão grande, que ultrapassa os limites de fronteiras, ameaçando efetivamente, o cenário internacional como um todo.

Verificamos ainda a organização terrorista Estado Islâmico é bastante forte atualmente, pelas ações terroristas que eles praticam dentro e fora de suas fronteiras, gerando pânico e desespero na população do mundo inteiro. Os ataques ocorridos na França neste mês de novembro de 2015 nos mostrou, efetivamente, seu poder e, o grupo, passado despercebido aos Estados há dois anos, é manchete nos jornais de todo o mundo.

De acordo com os relatórios da ONU e a resolução apresentada pela França para combater o grupo extremista, a posição da organização é certa, mas ao mesmo tempo, errada.

É correta porque essa organização internacional não se posiciona de forma firme perante as questões que envolvem o mundo, o que agora deixa de existir, pela resolução que esta autorizou. Também é errada, pois os Estados deveriam agir em conjunto, no âmbito da ONU, e enviar suas tropas em nome da organização, para que haja um consenso entre os Estados de suas estratégias adotadas. As manchetes nos jornais deveriam ser: os Estados-membros da ONU se reúnem na organização para estudarem estratégias de combate ao grupo extremista Estado Islâmico.

Assim, deve haver muitas medidas tomadas por todos os Estados, conjuntamente, para combater a ameaça global do Estado Islâmico, pois se continuarem a agir por conta própria, a história se repetirá e, a humanidade poderá experimentar uma organização terrorista pior do que o Estado Islâmico.

## REFERÊNCIAS

- 'A TÁTICA do Estado Islâmico para me recrutar – e como eu resisti'. *BBC*, 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150824\\_ei\\_tatica\\_radical\\_fd](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150824_ei_tatica_radical_fd)>. Acesso em: 23 nov. 2015.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna. 1986.
- BROWN, Katherine. Como o Estado Islâmico atrai mulheres ocidentais. *BBC*, 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150408\\_noivas\\_jihadistas\\_lk](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150408_noivas_jihadistas_lk)>. Acesso em: 23 nov. 2015.
- COCKBURN, Patrick. *A origem do Estado Islâmico: o fracasso da “Guerra ao Terror” e a ascensão jihadista*. Tradução: Antonio Martins. São Paulo. Autonomia Literária. 2015.
- ENTENDA o conflito envolvendo o Estado Islâmico na Síria e no Iraque. *F24*, 2014. Disponível em: <<http://www.f24.com.br/editorial/mundo/08082014-183652-entenda-o-conflito-envolvendo-o-estado-islamico-na-siria-e-no-iraque>>. Acesso em: 26 out. 2015.
- FRANCO, Jussara Bortolucci. *O emprego das Forças Armadas brasileiras no combate ao terrorismo: aspectos Jurídicos*. 2012. 75f. Monografia (Especialização em Direito e Inteligência no combate ao crime organizado e ao terrorismo) – Universidade Católica de Brasília, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/1378/2/Trabalho%20de%20conclus%C3%A3o%20de%20curso%20-%202013.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2015.
- HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HUNTINGTON, Samuel Phillips. *O choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Tradução: M. H. C. Cortês. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- IRA: Exército republicano irlandês atuou contra protestantes na Irlanda. *UOL Educação*. 2004. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/ira-exercito-republicano-irlandes-atuou-contra-protestantes-na-irlanda.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2015.
- ISLAMISMO – O Caminho de Deus através da submissão. *Mundo Islâmico*, [c2001-2009]. Disponível em: <<http://www.mundoislamico.com/islamismo.htm>>. Acesso em: 22 out. 2015.
- JUDAÍSMO: a religião monoteísta mais antiga. *Terra*, [c2014]. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,O1141894-EI312,00-Judaismo+a+religiao+monoteista+mais+antiga.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

MACHADO, Fernanda. Cristianismo: religião passou de perseguida a oficial no Império Romano. *Educacao.uol*, 2005. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/cristianismo-religiao-passou-de-perseguida-a-oficial-no-imperio-romano.htm>>. Acesso em: 22 out. 2015.

MAZETTO, Francisco de Assis Penteado. O Terrorismo na História. *Ecsbdefesa*, [2003]. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/Terrorismo.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

MENDES, Cristiano Garcia. Os discursos de Tony Blair: o conceito de terrorismo e as instabilidades de suas estruturas. *Contexto int.*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 179-204, jan./jun. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-85292010000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292010000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 nov. 2015.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. *A ONU e o terrorismo*. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/acao/terrorismo/>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. *ONU: ataques violentos do Estado Islâmico provocam deslocamento de 25 mil pessoas no Iraque*. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/onu-ataques-violentos-do-estado-islamico-provocam-deslocamento-de-25-mil-pessoas-no-iraque/>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

NAPOLEONI, Loretta. *A Fênix Islamista: o Estado Islâmico e a Reconfiguração do Oriente Médio*. Tradução Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

O QUE É O JIHADISMO? *BBC*, 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141211\\_jihadismo\\_entenda\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141211_jihadismo_entenda_cc)>. Acesso em: 26 out. 2015.

ONU acusa Estado Islâmico de crimes de guerra na Síria. *BBC*, 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140826\\_estado\\_islamico\\_crimes\\_onu\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140826_estado_islamico_crimes_onu_rm)>. Acesso em: 23 nov. 2015.

ONU autoriza “todas as medidas” contra o Estado Islâmico. *DN*. Lisboa, 20 nov. 2015c. Mundo. Disponível em: <<http://www.dn.pt/mundo/interior/onu-autoriza-todas-as-medidas-contra-estado-islamico-4895346.html>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

ONU diz que Estado Islâmico pode ter cometido genocídio no Iraque. *G1.globo*, 2015a. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/03/onu-diz-que-estado-islamico-pode-ter-cometido-genocidio-no-iraque.html>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

ONU: Putin pede uma ampla coalizão contra o Estado Islâmico. *Uol*, 2015b. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2015/09/28/onu-putin-pede-uma-ampla-coalizacao-contra-o-estado-islamico.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

ORIENTE médio. *Oriente médio*, [20--?]. Disponível em: <<http://oriente-medio.info/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

SAID, Edward Wadie. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. 11 de Setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de Estado. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, v. 23, n. 53.p. 9-26, mar. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782015000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782015000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 nov. 2015.

SARAIVA, João Vítor Martins. Terror no Oriente Médio: quem é e o que quer o Estado Islâmico? *Pucminasconjuntura.wordpress*, 2014. Disponível em: <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2014/11/21/terror-no-oriente-medio-quem-e-e-o-que-quer-o-estado-islamico/#more-406>>. Acesso em: 29 set. 2015.

SEIXAS, Eunice Castro. “Terrorismos”: uma exploração conceitual. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, v. 16, supl., p. 9-26, ago. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782008000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782008000300002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 08 nov. 2015.

TERRORISMO. In: *Michaelis*. São Paulo: Melhoramentos, 2010. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=terrorismo>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. *Estado Islâmico: desvendando o exército do terror*. Tradução: Jorge Ritter. São Paulo: Seoman, 2015.